

# Uma História de Luta e Conquistas



A experiência do Escalvado

**Realização:**

**CETRA**



*desenvolvimento, sustentabilidade e solidariedade*

Rua Tibúrcio Cavalcante, 2953 - Dionísio Torres - Fortaleza - Ceará - Brasil  
CEP. 60.125-101 - Fone:/Fax.:(85) 247 1660 - Correo Eletrônico - [cetra1981@cetra.org.br](mailto:cetra1981@cetra.org.br)  
[www.cetra.org.br](http://www.cetra.org.br)

**APOIO:**



**BROEDERLIJK DELEN**

CETRA



*desenvolvimento, sustentabilidade e solidariedade*

## UMA HISTÓRIA DE LUTA E CONQUISTAS

***“Capacitação para uma gestão democrática e participativa numa perspectiva de gênero e meio ambiente:  
a experiência de Escalvado”***

*Apoio:*



**BROEDERLIJK DELEN**

*Dezembro 2003*

C423c

Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador.

Capacitação para uma gestão democrática e participativa numa perspectiva de gênero e meio ambiente: a experiência de Escalvado / Consultoria de Eliana Guerra Costa. – Fortaleza: Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador-CETRA, 2003.

74p.

1. Escalvado (CE). 2. Desenvolvimento rural sustentável. 3. Auto - gestão comunitária. 4. Agricultura orgânica. 5. Meio ambiente. 6. Relações de gênero. I. Título: Uma história de luta e conquistas

CDD 338.92

*No Escalvado uma luz brilhou  
Foi um fogo para um povo lutador  
No Escalvado uma luz brilhou  
Foi um fogo para um povo lutador*

*Iniciemos uma oração  
Participando de reunião  
Era um povo junto no mutirão  
Festa animada era a partilha da produção*

*Para provar que somos cidadão  
Nós viemos do cultivo do chão  
Mas quem faz assim é inimigo de tubarão*

*Mas quem faz assim é inimigo de tubarão  
Mas uma voz dizia  
Que povo unido não será vencido  
Essa voz era de Cristo*

*No Escalvado uma luz brilhou  
Foi um fogo para um povo lutador  
No Escalvado uma luz brilhou  
Foi um fogo para um povo lutador*

*Música composta por Genésio  
Entoada como hino de luta e fé da comunidade*

## Sumário

### Apresentação

### Introdução

<b>1. Escalvado: um passado de luta e de conquistas</b>	10
1.1. Escalvado: construção, desconstrução e reconstrução de laços de parentesco e de uma comunidade...	
1.2. Auto-gestão comunitária: fé e ação conjugadas no plural	
1.3. Estratégias e aliados na luta pela terra	
<b>2. A conquista da terra: uma conquista parcial</b>	29
2.1. Conquista simbólica de todos x conquista material de alguns	
2.2. Contradições e efeitos negativos do processo de assentamento	
2.3. Desapropriar não é suficiente	
<b>3. Minha vida mudou para melhor...</b>	38
3.1. Novos modos de produção, outras relações de trabalho: a busca permanente do desenvolvimento	
3.2. Consumir ou vender: um dilema atual e cotidiano	
3.3. Alguns desafios permanecem, outros emergem... outros tomam novas formas	
<b>4. Inovações no processo produtivo e de formação, novas relações com o meio ambiente.</b>	49
4.1. Uma nova relação com o meio ambiente	
4.2. Toda pessoa tem conhecimentos e saberes, mas todo dia se aprende algo novo	
4.3. Uma metodologia baseada no papel ativo dos alunos: saberes existentes fundamentam a construção de novos saberes	
4.4. Novos experts em agroecologia	
<b>5. Perspectivas e propostas</b>	60

## APRESENTAÇÃO

O Assentamento Escalvado, situado na serra de Arapari, distrito do município de Itapipoca, constitui-se de um ajuntamento humano formado por cerca de 140 famílias, aproximadamente 700 pessoas, e tem uma história singular de lutas e conquistas.

A primeira etapa da luta se deu com o processo de organização na perspectiva da conquista da terra, que foi alcançada em parte, e considerada uma grande vitória depois de anos de luta. Com essa vitória, fortaleceu-se a organização e a solidariedade para buscar os meios necessários para viver e produzir com dignidade na terra conquistada. Entre estes meios estão o conhecimento, a assistência técnica, novas tecnologias de produção e comercialização, a água para consumo humano e produção, energia elétrica, escola e posto de saúde. A grande maioria desses meios foram obtidos graças à organização e participação das famílias.

Este relatório é revelador dos processos ocorridos em Escalvado, da história dessa comunidade, a partir do início da década de oitenta. São processos ricos porque passam pelo fortalecimento da organização e pelo profundo sentimento de solidariedade e generosidade existente entre as famílias.

A realização do projeto "Capacitação para uma gestão democrática e participativa, numa perspectiva de gênero e meio ambiente" foi fundamental para envolver as famílias, especialmente a juventude. As dificuldades enfrentadas, os altos e baixos ocorridos durante o desenvolvimento do projeto, não o inviabilizaram.

As carências locais ainda são enormes. A juventude especialmente, se ressentida da falta de oportunidades, o que a leva a migrar para os centros urbanos.

O processo de Escalvado é relatado com detalhes neste documento. As falas revelam o sentimento de vitória, de orgulho pelo potencial humano existente no espaço físico que lhes foi destinado. A esperança é visível no rosto e nas falas das pessoas do lugar que demonstram outra visão de mundo e experimentam melhores condições de vida. O povo de Escalvado tem consciência de sua responsabilidade na construção de uma vida melhor para todos/as, da sua participação nos processos políticos do município e das entidades representativas.

Nossa presença em Escalvado durante muitos anos, nos possibilitou conhecer a bravura de homens e de mulheres, seu sofrimento e suas alegrias, o enfrentamento dos desafios a que foram expostos. A sistematização dessa história nos remete a um passado recente lembrado pelos moradores quando, apesar do sofrimento, as famílias encontraram a alegria de viver em sua própria terra. É evidente a mudança do cenário de Escalvado, das pessoas, das crianças, das moradias. Ali já há uma escola, uma igreja, um salão comunitário, um açude, cacimbões. As famílias têm liberdade de decidir, de criar e produzir, resgatando a alegria e a dignidade e, em harmonia com o meio ambiente, experimentam a produção orgânica.

Este projeto foi possível em razão do apoio e da solidariedade de Broederlijk Delen, que foi a principal apoiadora do projeto. A esta instituição de cooperação, apresentamos nossos agradecimentos em nome do CETRA e das famílias de Escalvado.

Este documento é portanto, uma síntese do que foi realizado no assentamento antes e durante o desenvolvimento do projeto. Esta experiência é divulgada no intuito de sensibilizar e motivar outros grupos rurais que necessitam se fortalecer em sua organização e melhoria da qualidade de vida. Tal melhoria supõe mudanças de atitude, de comportamento e a capacidade de enfrentar os desafios com vistas à construção de uma cidadania plena para mulheres e homens de todas as idades. Espera-se igualmente que o público acadêmico, organizações da sociedade civil e também o público leitor desvinculado de instituições, mas comprometido com a justiça social, sejam da mesma forma sensibilizados com a experiência realizada na comunidade Escalvado e se engajem ainda mais na construção de um novo mundo, justo e solidário.

Maria Nair Soares  
Presidenta do CETRA

## Introdução

*A comunidade de Escalvado localiza-se no município de Itapipoca/CE.*

*Estas ações foram realizadas pelo CETRA entre 1999 e 2002, com o apoio da Broederlijk Delen. Apesar de se destinarem a apoiar o processo de desenvolvimento integrado e sustentável de Escalvado, algumas atividades deste projeto foram abertas a representantes de outros assentamentos. Da mesma forma, atividades promovidas pelo CETRA no âmbito de seus projetos foram abertas a moradores de Escalvado. Assim, obteve-se maior rentabilidade dos investimentos e recursos mobilizados, inclusive dos recursos humanos das próprias comunidades, uma vez que seus representantes destinam parte de seu tempo para a formação. Este tipo de ação vem proporcionando um "plus" na qualificação da mão-de-obra local, com efeitos diretos na qualidade de vida da população. Os cursos de capacitação e de formação em agroecologia, gestão participativa, as oficinas sobre gênero contemplaram assim as comunidades de Maceió, Várzea do Mundaú, Sabiaguaba e Escalvado.*

*Estes assentamentos situam-se nos municípios de Itapipoca, Trairi e Amontada.*

*Este resgate da história local através de entrevistas e conversas envolvendo técnicos do CETRA e moradores, possibilitou contextualizar as ações desenvolvidas nos marcos do projeto supra-citado, de44hhstacando sua importância para a comunidade.*

No presente relatório será abordada a trajetória de lutas e conquistas da comunidade de Escalvado, com ênfase nas ações de formação e capacitação técnica e política realizadas pelo Projeto de Cooperação **“Capacitação para uma gestão democrática e participativa numa perspectiva de gênero e meio ambiente”**. Este projeto faz parte de um conjunto de atividades que o CETRA vem desenvolvendo em áreas de reforma agrária, notadamente nos assentamentos Escalvado, Várzea do Mundaú, Maceió e Sabiaguaba. Nas diversas atividades deste projeto, procurou-se contemplar a equidade de gênero e formas horizontais de relação entre as diferentes gerações, reforçando, deste modo, a estratégia de promoção do desenvolvimento sustentado, com ampla participação e representatividade dos grupos existentes.

Este relatório resulta de uma série de entrevistas, visitas de campo, da leitura e síntese de documentos e publicações do CETRA, complementados com entrevistas. As conversas, reuniões, entrevistas realizadas permitiram fazer uma releitura da história da comunidade de Escalvado, através da qual, atores, fatos, processos de luta, estratégias, desafios e limites atuais foram sendo aos poucos *desvelados*. O conteúdo apresentado é relativamente limitado face à riqueza da experiência de moradores e membros do CETRA e do material existente. As palavras são sempre limitadas e insuficientes para desvelar a realidade em toda sua complexidade.

Dar a palavra aos moradores, jovens, crianças e adultos da comunidade para que eles nos possibilitem conhecer melhor a realidade desse lugar, foi um modo de respeitar o papel de atores na luta pela terra que todos desempenharam e desempenham ainda hoje. A vitória representada pela desapropriação das terras não é um fato, mas um longo e dinâmico processo, que se realiza a cada dia. Muitos moradores de Escalvado compartilham essa concepção, todavia existem níveis e modos diferenciados de compreensão do que seja a conquista da terra. Pautar o relatório de sistematização nos conteúdos das entrevistas, não impossibilitou, nem pôs em risco o trabalho analítico do qual somos inteiramente responsáveis. Somos também responsáveis pela escolha dos temas, das falas e do modo de inseri-los no texto, no momento da redação. Este relatório deve ser considerado como um instrumento de trabalho, devendo passar por um processo de discussão tanto por parte dos moradores como pelos membros da equipe do CETRA e por seus parceiros.



Preferimos utilizar a noção de "comunidade", amplamente empregada tanto pelos grupos das Igrejas como pelas organizações populares para fazer referência a um grupo de pessoas que vive e por vezes trabalha em um território mais ou menos delimitado. Esta escolha visou evitar, por um lado, a oposição entre "assentados" e "agregados" ou "cadastrados", bastante comum nas áreas de reforma agrária e, por outro, a ambigüidade que porta o termo "assentamento". Este termo passa a impressão que todos ali são "assentados", quando a realidade é bem diferente e complexa. O termo comunidade nos parece mais adequado: toda pessoa que reside e trabalha na mesma área tem status de morador (característica identitária de todos). O termo "comunidade" contrapõe-se à classificação dos habitantes em categorias, o que tem provocado divisões, oposições e disputas internas. A dicotomia entre "assentados" e "agregados", contribui para enfraquecer os elos, às vezes consanguíneos, geralmente de vizinhança e amizade, que unem as famílias das áreas de reforma agrária, a exemplo de Escalvado. Esta oposição representa um obstáculo para se pensar uma estratégia de desenvolvimento integrado das áreas de reforma agrária, compostas por famílias em condições de vida e renda bem similares.

Em 1997, quando a ex-integrante da CAPT assumiu a Secretaria de Educação do Município de Itapipoca, adquirindo relativa autonomia para gerenciar os recursos do FUNDEF (Fundo de Manutenção do Desenvolvimento do Ensino), coordenou a implantação de um projeto pedagógico, de ampliação e restauração da rede física das escolas municipais. Nesse período, doze novas escolas foram construídas no município, além da ampliação, com a construção de salas e da recuperação de prédios. Apesar da dificuldade em conseguir autorização do prefeito, a escola de Escalvado foi edificada.

Os recursos para a construção do açude foram mobilizados pelo CETRA junto a associações internacionais de solidariedade e complementado pelo INCRA.

## 1. Escalvado: um passado de luta e de conquistas

O fim da grande propriedade e do latifúndio no Brasil ainda está distante. Contudo, algumas experiências históricas de luta, vividas de norte a sul do país, têm contribuído concretamente para mudar este quadro. A violência em suas variadas formas e matizes tem sido uma constante na vida de quem luta pela reforma agrária. A história tem mostrado que nas melhores terras, ocorrem os maiores embates e que a organização e união dos moradores são ingredientes essenciais para alcançar a vitória. Escalvado é um exemplo singular de luta pela reforma agrária, em que os moradores sem-terra saíram vitoriosos, mas, como se pode constatar, não se contentaram apenas com a desapropriação das terras.

Escalvado é um pequeno paraíso: terra e água de boa qualidade, solo fértil e clima ameno o ano inteiro. A maior dificuldade é o acesso, sobretudo durante os meses de chuva. A topografia e as relações de produção existentes no passado explicam em parte a divisão da terra entre os moradores, a solidariedade, as trocas de dias de serviço, o mutirão, mas também as cisões e os laços e parcerias atuais e do passado. O processo de constituição da comunidade e de mobilização em prol da desapropriação são também fatores explicativos da construção, "desconstrução" e reconstrução das relações sociais daquele lugar.

A localidade de Escalvado tem uma área de 512 hectares situada em uma região serrana, de baixas altitudes, no distrito de Arapari, município de Itapipoca, a 7 km de sua sede. Em 1995, o INCRA procedeu à desapropriação dessa área iniciando assim um processo de assentamento das famílias que ali moravam. Apesar da pequena distância que separa Escalvado da sede do município, ainda hoje as estradas existentes e os meios de transporte são precários. Tanto o deslocamento de seus moradores quanto o acesso de outras pessoas àquele lugar são difíceis. As estradas foram abertas pelos próprios moradores, que não puderam construir pontes nos trechos cortados por rios e riachos, ficando a travessia muitas vezes impossibilitada durante os períodos de chuvas mais intensas. Não existe sistema de transporte coletivo, sendo o deslocamento e acesso assegurados por velhas camionetes sem segurança ou conforto que fazem o traslado de moradores e visitantes entre Escalvado e a sede do município. Poucos moradores possuem carros, muitos utilizam bicicletas ou realizam longas caminhadas.

Os equipamentos de uso coletivo são sumários e se encontram em situação precária para responder à demanda. A escola é o único equipamento público existente na comunidade. Existem ainda três prédios de uso coletivo, construídos pelos próprios moradores: o centro comunitário, a sede da associação e a Igreja Católica. Hoje, cerca de 140 famílias vivem e trabalham dentro do perímetro desapropriado (há mais de 15 anos existem conflitos entre moradores e confinantes em áreas limítrofes). Depois da desapropriação, um açude foi construído, a rede de energia elétrica foi instalada beneficiando a maioria dos moradores, melhorando deste modo a qualidade de vida dos mesmos. Os bens de consumo duráveis (TVs, geladeiras, aparelhos de som, etc.) estão sendo, aos poucos, adquiridos;

abriram-se possibilidades para o desenvolvimento de atividades produtivas que dependem de eletricidade. A instalação da rede elétrica permitiu ainda o funcionamento noturno da escola, com cursos de alfabetização de jovens e adultos ( nos últimos anos, os índices de analfabetismo têm diminuído, além do nível de escolaridade da juventude estar em crescimento: alguns estão realizando cursos universitários na sede do município ou em Fortaleza). Atualmente, em Escalvado, a maioria das habitações é construída em alvenaria e utiliza sistema de fossa sumidouro. A água consumida pela população é proveniente de poços, cisternas ou do açude. A coleta de lixo não é assegurada pela prefeitura, motivo que tem levado os moradores a buscar alternativas de modo individual – nem sempre as mais adequadas do ponto de vista ecológico e da saúde - ou coletivamente através de oficinas e campanhas educativas organizadas pelo CETRA em colaboração com a associação de moradores.

A dificuldade para estabelecer relações com pessoas de outras localidades (por hábito, muitos dos moradores mais velhos deslocam-se pouco, vivendo em um espaço limitado), a proximidade física e social são certamente fatores determinantes para explicar a existência de muitas relações consangüíneas e de compadrio nesta comunidade.

### **1.1. Escalvado: construção, desconstrução e reconstrução de laços de parentesco e de uma comunidade...**

Os laços estreitos entre os atuais habitantes (descendentes diretos de ex-moradores da propriedade de Escalvado) e a ausência de assistência pública durante muitos anos são fatores que contribuíram sobremaneira para que ali se desenvolvessem relações de ajuda mútua e de solidariedade entre vizinhos. No passado, a dificuldade de deslocamento, o relativo isolamento das famílias com relação ao “mundo externo” concorreu, por outro lado, para fortalecer o poder do proprietário sobre os mesmos em uma relação de dependência e dominação.

Os moradores da localidade viveram durante vários anos naquelas terras praticando a agricultura de subsistência ou de pequeno porte, trabalhando e vendendo ao patrão parte de suas safras nas condições que o mesmo impunha. Essa realidade, tão comum nas zonas rurais do Brasil, no interior do Ceará ganha contornos próprios. A história do **“assentamento de Escalvado”** é a história de rebeldia e de luta de seus moradores. Inicialmente, contra a natureza das relações que tradicionalmente se reproduziam ali – a submissão dos mais velhos (os pais) ao senhor das terras - e em seguida, contra a estrutura de dominação e de poder – o latifúndio e seus senhores. Um grupo de jovens, contrariando as orientações dos pais, começa a questionar o sistema vigente. O depoimento de um dos líderes locais é bastante esclarecedor neste sentido: “... houve uma época que a gente era morador, ou seja, agregado de patrão. Isso foi na década de setenta e oito, por aí assim. Aí quando nós fomos muito marginalizados pelo sistema de patrão, o patrão pagava nós bem baratinho e mandava nós ir trabalhar para outros patrões que pagavam tão bem os de lá, enquanto nós éramos pagos muito ruim, porque ele era, queria agradar,

*Na verdade, existiram no Assentamento Escalvado diversas formas de relação de arrendamento entre moradores e proprietário. A relação predominante era aquela cuja renda da terra era paga pelo “morador” com trabalho realizado na “roça” do “patrão”. Encontram-se nesta categoria os diversos tipos de “parcerias”: três por quatro, dois por três (três dias de trabalho para si e quatro para o patrão ou ainda, em uma proporção de dois por três, etc). O segundo tipo existente consistia no pagamento em espécie da renda da terra pelo pequeno produtor, com parte de sua produção. A porção deixada com o patrão variava em geral em função do tipo de terra, de seu valor produtivo. A fórmula que predominava era a “parceria” em que o agricultor dava metade de sua produção ao proprietário como pagamento pelo uso das terras (relação de “meia”). Neste caso, o agricultor era considerado “meio”. O arrendamento pago diretamente em espécie (em dinheiro) era raro ou inexistente nas zonas rurais nordestinas. José de Souza Martins (2002, Vozes) faz excelentes sínteses e análises da evolução das relações sociais e de produção nas zonas rurais brasileiras e um contraponto entre a situação do camponês e a do operário. Martins, José de Souza, A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais, Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.*

patrão com patrão. E isso era um agrado pra ele dizer que nós trabalhava barato pra ele. Isso foi criando uma forma muito desagradável e os nossos pais, o meu pai, vamos dizer, eu falo nossos pais porque eu estou falando na comunidade, porque nós era um bando de homem trabalhando nessa correria, pra lá pro patrão. Aí a gente analisou que não dava pra nós escutar tudo quanto o nosso pai dizia, porque nós somos de uma época que nós tinha que obedecer nossos pais em primeiro lugar. Só saía com ordem, só chegava com ordem, só ia trabalhar num lugar se o pai deliberasse, enfim. Com esse negócio aí, os nossos pais levava nós logo na forma de trabalhar pro patrão com quatorze anos, quinze anos, dezesseis anos, e dezoito era a meta de todos servir a um patrão. E era educado pra nem falar mal, ninguém pode ir lá falar besteira, dizer que tá ruim, que não vamos querer mais, não. Era todo mundo caminhando como os nossos pais queriam (...). Quando passamos a ter a responsabilidade familiar também como chefe de família, a gente analisou que a gente devia cuidar da nossa vida própria, da vida familiar da gente. Como o pai tinha a família dele, nós também já tinha a nossa. Aí a gente começou a se desviar, não fazer só o que o pai queria, fazer sempre o que a gente queria. Aí foi na época que ele criou essa forma... o patrão criou uma forma de nós ir trabalhar pro patrão seja lá onde fosse, pra agradar, era distância de três léguas...”

A distância, as condições de deslocamento e de trabalho, o valor das diárias realizadas em propriedades de vizinhos e amigos do “senhor” das terras estavam sempre em desfavor dos jovens trabalhadores de Escalvado. Longas caminhadas, árduos dias de labuta e pequenos pecúlios recebidos vinham somar-se à exploração resultante do sistema de renda das terras. Alguns começaram a compreender e a discordar do sistema de exploração vigente. O descontentamento deixou os mais jovens atentos aos movimentos que aconteciam nos arredores. A década de 1970 chegava ao fim: as oposições sindicais se formavam, a luta pela anistia tomava grandes proporções, os trabalhadores nas cidades e nos campos reivindicavam liberdade e justiça social, como relembra líder local:

*“... foi na época que foi criado também a Delegacia sindical dos trabalhadores rurais em Assunção. Foi o primeiro anúncio para nós como trabalhadores rurais, [da criação de uma Delegacia] do sindicato, nessa época. (...) Aí rodou na cabeça nossa que o sindicato era uma forma da gente buscar apoio, buscar uma força, ter uma ordem, ter um negócio que protegia a gente (...) daquilo que massacrava a gente e a gente poderia combater. Aí nós fiquemos por aí, rapaz vamos arrumar o nosso sindicato aqui. Mas, aí ninguém era capaz de arrumar isso aí. Com quem nós vamos arrumar isso? Com quem nós vamos conversar?”*

Neste momento, chegou à comunidade um padre espanhol. Segundo testemunhos colhidos, este padre foi uma das primeiras pessoas que deu apoio à luta dos moradores contra o sistema de exploração em que viviam. Pouco a pouco, os moradores de Escalvado tomaram consciência e começaram a se revoltar contra o sistema vigente. O sindicato de trabalhadores rurais, recém-criado em Itapipoca, passa também a ser uma referência e um ponto de

apoio. A partir das leituras do evangelho, das discussões, da prática dos ensinamentos cristãos no cotidiano, uma nova comunidade vai se constituindo.

Enquanto os moradores e líderes de Escalvado seguiam realizando suas reuniões, liturgias e mutirões, alguns deles guardavam sempre na memória a idéia de ter um sindicato para defendê-los. Nota-se aqui o início da tomada de consciência de seus direitos por parte de alguns moradores. Houve então uma decisão: juntaram-se 30 pessoas com a disposição de sindicalizarem-se, possibilitando, deste modo, a constituição de uma delegacia sindical na comunidade e a eleição de um delegado.

*"... Chegamos aqui falamos: 'pessoal, sabe por que nós precisa do sindicato? Porque o patrão faz essas grosserias, a safra é cativa, é privada, ninguém pode vender pra fora, ele é que compra tudo, vende pra quem ele quer e nós não sabemos...'"*

O proprietário se indignou ante a ousadia de "seus moradores" de criar, em "suas terras", uma delegacia sindical, sem sua autorização, afirmando ser o mesmo um instrumento de perseguição. Convocado pelo patrão, o delegado sindical eleito rebateu firmemente as assertivas do mesmo:

*"... nós criamos uma delegacia sindical em Escalvado foi porque o sindicato é dos trabalhadores rurais, que nós criamos lá. É tão provável que é dos trabalhadores rurais que nós nem aqui viemos lhe convidar porque o seu é dos patrões, o nosso é dos trabalhadores rurais. O que nós tinha a ver aqui, lhe convidar pra quê?"*

As relações entre o proprietário das terras e seus moradores foram se tornando cada vez mais difíceis. Alguns deles recusaram-se a trabalhar nas propriedades vizinhas a mando do patrão, agravando mais a questão. Enquanto isso, trabalhadores e moradores fortaleciam a organização da comunidade, na fé, na luta diária, na comunhão, na realização de mutirões. Em 1983, o proprietário decidiu puni-los, promovendo com seus pares uma grande devastação das áreas produtivas arrendadas, como explica um líder local:

*"Quando foi no julho do 83, ele fez um coletivo com os patrões, ajuntou o gado dos patrões com o gado dele e colocou todo na nossa plantação. Nesse tempo, pessoal, Margarida, aqui era um sítio. Hoje não tem nada em Escalvado. Hoje Escalvado tem os pés. Nesse tempo a cana, era tanta cana nessa baixa que nem o povo acabava, jamais nós [conseguíamos consumir tudo]. Banana... desse lado não tinha quem acabasse, era banana sobrando. Roça, esses altos todos era tudo cheio de roça..."*

As lideranças locais juntaram adolescentes e jovens da comunidade e os orientaram para expulsar o gado da plantação. Um acidente (uma vaca machucou-se ao cair de um lajedo dentro de uma vala) ocasionou nova "intriga" entre moradores e patrão. O delegado sindical, principal liderança da comunidade, foi então procurado pelo comissário

*O termo "roça" é utilizado pelos moradores para designar as áreas destinadas ao cultivo do milho, do feijão, da mandioca, de frutas, produtos tradicionalmente cultivados nas zonas rurais cearenses.*

de polícia, que lhe responsabilizou pelos danos causados: "... nós viemos aqui porque recebemos uma denúncia que você enxotou o gado do pessoal lá e deu um grande prejuízo numa vaca, quebrou o espinhaço de uma vaca. Aí você vai responder porque tudo indica que você é o delegado do sindicato e é quem manda o pessoal se manifestar..."

Este caso deu origem a um acordo. O fato relevante é que a comunidade, apesar da perda de grande parte de sua produção, conseguiu um prazo de 9 dias para aproveitar as mandiocas. Organizaram farinhadas dia e noite, de modo intensivo. Ninguém foi preso ou pagou qualquer indenização pela vaca sacrificada. Entretanto, o proprietário saiu com ânimos acirrados para vender as terras de Escalvado "a quem desse mais".

Ocorreram vários incidentes em que proprietário e moradores afrontaram-se. Nos mais variados momentos, a força da organização, a presença das mulheres, a destreza nas negociações foram fatores determinantes para o sucesso da comunidade, para evitar prisões, violência física ou pagamentos de indenizações e multas por parte de qualquer um de seus membros. Quando algum morador era interpelado, todos se sentiam concernidos e não hesitavam em juntar-se em grandes grupos, quer seja para «repcionar» algum «estranho» ou a polícia, quer seja para descer a serra e protestar diante da delegacia em apoio a um líder intimado.

Outro fato marcante despertara nos moradores sentimento de medo, contribuindo para fortalecer a organização interna da comunidade. Segundo depoimentos dos mesmos, o então proprietário (Sr. João) vende (ou arrenda) sua fazenda situada na localidade de Jacu, onde todos costumavam também trabalhar:

*"... Essa fazenda fomos nós que fizemos... Lá 'nós conhece' do jeito de Escalvado, buraco por buraco, 'nós conhece' tudo, tudo ..."*

O novo proprietário ou arrendatário expulsou todos os moradores daquela propriedade. Restou para eles a possibilidade de instalarem-se no bairro de Ladeira (Itapipoca) e "mendigar" espaço na cidade, como testemunha um líder local:

*"... foi embora tudo, não ficou ninguém!!! A terra ficou só... ninguém, ninguém... só o engenho lá, o alambique e tudo. Botou tudo pra ir embora, ficou ninguém. E o Escalvado entrou na mesma enchente. Aí depressa ele [Sr. João] manda gente aqui dizer que a terra aqui ele ia vender ou ao Betão ou ao Pedro Braga. Aí dissemos : 'rapaz, nós vamos pro Incra é amanhã colocar ele no INCRA'..."*

Diante destes fatos, do medo, das ameaças de expulsão e da perseguição, dois líderes locais dirigiram-se ao INCRA, para solicitar a desapropriação das terras. Voltaram decepcionados, mas decidiram continuar lutando. Após o anúncio da venda das terras de Escalvado, os possíveis compradores passaram a assediar os moradores do local. Entretanto, alguns relutaram ao constatar que naquela comunidade todos tinham algum laço de parentesco ou de compadrio.



*"... o gerente, esse Zé Fiscal, doutora, era o gerente do patrão e nós conseguimos puxar ele para o nosso lado. Pois bem, aí quando nós 'cheguemos' que ele pressentiu isso aí... chega o Betão no dito salão pra comprar a terra, junto com o Djalma Dutra. E aí nós, todo mundo aqui, nós dissemos: 'Não! A terra, nós não 'aceita' que compre não, a terra quem compra somos nós' (...) Só sei que nós não aceitamos o Betão comprar e nem o Pedro Braga, e este Djalma meteu consórcio é de todo jeito aqui. E eu sei que saíram daqui muito zangados com o pessoal aqui; e comprar, não comprou mesmo não".*

A resistência contra o patrão, a perseverança face às dificuldades e à oposição de alguns moradores (os mais velhos, pais, tios e avós), fomentou a união da maioria e a luta foi ganhando grandes proporções. As mulheres foram aos poucos ocupando o *front* na luta pela terra.

A Presidenta do CETRA, educadora da equipe diocesana de Itapipoca durante muitos anos, destaca a importância do trabalho realizado pelas pastorais sociais da Igreja no processo de conscientização de trabalhadores(as) rurais.

*"... os conflitos da luta pela terra surgiram porque as pessoas foram adquirindo a sua consciência. E isso era também fruto de todo um trabalho de organização que foi se dando: havia o MEB, havia Cáritas, havia o Movimento Dia do Senhor, havia outras pastorais sociais da diocese [de Itapipoca]. E isso tudo foi um conjunto, que foi se estruturando e, aos poucos, as pessoas foram, de todos os lados, tomando consciência. E eu lembro muito bem disso: que a tônica era o direito à terra, o direito à vida, era o direito de ter o lugar pra morar".*

Vale ressaltar que em 1979, em Puebla, México, realizava-se a III Conferência do Episcopado Latino-americano, cujas decisões e propósitos vinham reforçar aqueles já adotados na II Conferência, realizada em Medellín, Colômbia, em 1968. Os bispos latino-americanos expressaram nas conclusões desta III Conferência, a determinação de que a Igreja deveria atuar na defesa dos **"direitos humanos"**. Documento oficial destaca que

**"sobre toda propriedade privada pesa uma hipoteca social"**, e afirma que *"com respeito a este ensinamento, a Igreja possui uma missão a cumprir: deve pregar, educar as pessoas e as coletividades, formar a opinião pública, orientar os responsáveis dos povos. Deste modo estará trabalhando a favor da sociedade, dentro da qual este princípio cristão e evangélico acabará dando frutos de uma distribuição mais justa e equitativa dos bens, não só dentro de cada região, mas também no mundo internacional"*.

*Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla de los Angeles, México, 27'01 a 13-02 de 1979, in sitio <http://www.revistamissoes.org.br>*

Em Medellín, os bispos já haviam se posicionado concretamente sobre a questão agrária:

*“... Embora se deva considerar a diversidade de situações e de recursos em países diferentes, não há dúvidas de que existe um denominador comum em todas elas: a necessidade de uma promoção humana para as populações camponesas e indígenas. Esta promoção não será viável se não for realizada uma autêntica e urgente reforma das estruturas e das políticas agrárias. Esta transformação estrutural e suas políticas correspondentes não podem limitar-se a uma simples distribuição de terras. Torna-se necessário fazer um estudo profundo das mesmas, segundo determinadas condições que legitimam sua ocupação e seu rendimento, tanto para as famílias camponesas como para sua contribuição à economia do país”.*

*Bispos da América Latina: Conclusões de Medellín, <http://www.revistamissoes.org.br>*

Este posicionamento claro da hierarquia da Igreja Latino-Americana servia de base para a formação e ação das equipes pastorais, dando-lhes respaldo e força. No Brasil, os propósitos da ação social da Igreja Católica eram reforçados anualmente pelas campanhas da fraternidade e, de modo mais forte, durante os anos 1970 e 1980, pelo trabalho de militantes, leigos e clérigos, adeptos da teologia da libertação, que atuavam nos bairros periféricos das cidades e nas zonas rurais. Não lhes era difícil perceber as situações de injustiça, de exploração, de desrespeito aos direitos humanos e de miséria em que vivia grande parte da população dos países latinos, como mostra o testemunho abaixo:

*“... E as pessoas daquele município, do interior do município eram muito sofridas. Eu não estou dizendo que [não são mais], ainda são, mas pagavam uma renda muito alta, era metade do produto que elas entregavam para um proprietário, para o dono de terra. Então, a luta começou pela renda, a luta pela renda justa, não era nem pra não pagar renda, era renda justa, conforme determinava a lei. Então, aquele processo foi iniciando, foi se intensificando...”.*

O despertar dos moradores para a situação de exploração em que viviam foi reforçado pelos agentes pastorais da Igreja. No confronto entre leituras bíblicas, textos difundidos pela Igreja e situações da vida cotidiana, os moradores foram formando uma comunidade, cujo sentido foi forjado na luta e no enfrentamento do patrão e de seus aliados. Nas falas de muitos moradores, percebe-se que eles viveram uma experiência de comunidade.

### **1.2. Mulheres: presença decisiva nos principais momentos da luta**

É inquestionável a participação ativa das mulheres na luta pela conquista da terra. São vários os “casos” contados, diversos os exemplos citados... Apesar das mudanças observadas nas relações intrafamiliares e sociais, o

papel da mulher ainda precisa ser mais valorizado. Este é um dos motivos que mantém algumas mulheres mobilizadas e organizadas, tendo para tanto o apoio do CETRA, através de sua linha de ação **“Gênero e Cidadania”**. A história rica e singular de Escalvado merece ser registrada e repassada às novas gerações. Esta história é marcada por «personagens» fortes. As mulheres, presença intensa e reconhecida por todos na luta pela terra, deparam-se hoje com situações contraditórias.

Alguns exemplos de fatos vivenciados atestam a força das mulheres em embates decisivos. Certo dia, um dito J. Moura, chegou de madrugada na casa de um líder querendo seu apoio para efetuar a compra das terras, com a aquiescência de seus moradores. Ele tentou conquistar os moradores de diferentes maneiras.

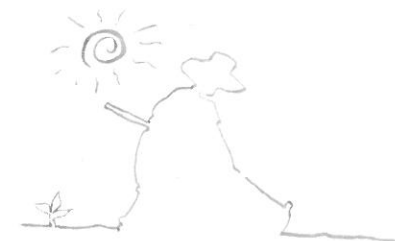
*“... sempre quando o J. Moura chegava aqui, esse salão ficava cheio. E as mulheres enfrentaram ele. Ele dizia que negócio com ‘diabo’ de mulher ele não queria não, tava muito bagunçado aqui, foi-se embora. Mas tem mulher que saltou em cima dele ‘o senhor não compra de jeito nenhum’, diziam, ‘compra não’. Ele disse: ‘Não, se eu comprar vai ser bom, vou mandar fazer açude pra vocês’...”*

Descrente diante de promessas, os habitantes de Escalvado se organizavam e viviam em solidariedade e união. Aos poucos, as mulheres se destacaram nessa luta, como reconhece um líder local:

*“As ‘mulher’, sem discriminar os homens, porque eu também sou homem, mas as mulheres foram a força forte, a força forte... força demais, viu!! Tem mulher aqui que dá a vida mesmo por isso aí. Essa minha mulher aí, não é por ser minha mulher não, mas é pequena do tamanho de um piolho de galinha, mas aí foi que trouxe as mulheres. [Elas chamavam umas as outras]”*

Em várias ocasiões, a intervenção das mulheres foi determinante para assegurar a conquista da terra. A desapropriação da terra não pôs fim às ameaças e conflitos. Mais recentemente, novo ataque foi preparado. Os moradores organizaram-se e, mais uma vez, as mulheres tomaram a frente:

*“... existia aqui uma área que se chama de Antonio Barroso, ‘nós estava’ aqui numa tarde aqui, o Chico diz, só tivemos foi a notícia: ‘ó, o mato onde vocês estavam falando que ia ter mutirão, o Antonio Barroso mandou 45 trabalhadores, já está até a metade feita’ (...) Pela amanhã, quando for, ninguém não conversa com ninguém, mas vamos andar daqui até... às 10 horas da noite ganhando as casas de quem está, até 10 horas da noite na casa do pessoal... Quando deu 4 horas da madrugada ‘nós estava’ lá, homens, mulheres e meninos, deu mais de 200. Quando estes 45 chegaram pra trabalhar e viram o número de gente trabalhando, voltaram pra trás: ‘eh! Ali nós não se mete mais não!!!’. O cara [feitor, gerente]*





vinha com o jipe cheio de merenda pra lá. Quando as mulheres viram, chamou: 'ei, venham pra cá, traga a merenda!!!' Eles pressentiram que não era o pessoal deles, que o pessoal deles não tinha mulher no meio, nem criança, só era as 45 pessoas trabalhando, pegou pra trás e até hoje...".

A criação do grupo de mulheres e a ação específica do CETRA, dentro da linha **"Gênero e Cidadania"**, tem reforçado a autonomia das mesmas, contribuindo para estreitar seus laços de amizade e cooperação. As atividades realizadas por este grupo têm possibilitado a todas compreender as semelhanças entre as situações problemáticas que vivem no dia-a-dia, desencadeando mudanças concretas. Indagada sobre os motivos da constituição do grupo e do desenvolvimento de atividades produtivas (hortas coletivas), uma das mulheres assim testemunhou:

*"... nem todos os trabalhos dos homens, as mulheres agüentavam né? assim, por acaso, na broca, eles brocavam, a gente ajudava a plantar né? quando chegava na hora de limpar, eles limpavam, na colheita, a gente já ajuda também, e a gente resolveu assim se separar, pra fazer os serviços mais maneiros né?"*

No processo de mudança vivido por esta comunidade, as relações entre homens e mulheres ainda são marcadas pela desigualdade e dominação, merecendo análise mais profunda. Os homens reconhecem a força e a atuação das mulheres em momentos decisivos: o enfrentamento dos confinantes, o plantio do roçado coletivo, onde todos tiveram que trabalhar diuturnamente, etc. A história do primeiro grande roçado coletivo é rica em ensinamentos. Apesar de conquistas importantes, especialmente, a partir do trabalho do CETRA e de setores da igreja, as mulheres ainda têm dificuldades em suas relações com maridos, filhos e companheiros de luta. E essa marca (a dominação dos homens sobre as mulheres, o machismo nas relações familiares e sociais) é muito forte na cultura brasileira e, em especial, na cultura nordestina. Mas, mudanças estão se processando de modo sub-reptício. É provável que dentro de alguns anos, transformações significativas possam ser identificadas. Os homens buscam conservar, ainda que simbolicamente, «lugar de honra» e poder, mas, na verdade, são as mulheres que desempenham papel estrutural no seio das famílias e da comunidade.

Nesse processo onde se mesclam indignação, fé, oração, organização e luta a comunidade vai se construindo, novas famílias vão surgindo, novas relações vão brotando. Hoje, cinco gerações vivem em Escalvado. Apesar da chegada de novos moradores (através dos casamentos de moradores com pessoas de outras localidades), da saída definitiva ou provisória de muitos jovens para trabalhar ou estudar em Itapipoca ou em Fortaleza, das mudanças ocorridas nas relações de trabalho e de produção, o espírito de luta ainda está presente. Isto pode ser percebido no dia-a-dia, nas relações de vizinhança e de parentesco. A população vem crescendo, tornando a terra cada vez mais escassa. Mas, a riqueza social, cultural e ambiental abre possibilidades a serem exploradas para conquistar melhorias nas condições de vida e de trabalho para todos.



### **1.3. Auto-gestão comunitária: fé e ação conjugadas no plural**

A constituição da comunidade precede a chegada de padres e membros de entidades ligadas à Igreja. A prática da solidariedade foi apenas reforçada pelos agentes externos. Os diversos mutirões e campanhas, as trocas de dias de serviço, comuns nas décadas de 1970 e 1980, são exemplos concretos de vivências cotidianas dos moradores de Escalvado. Em face de um inimigo comum e da adversidade, a união era a arma principal. As novenas e celebrações constituíam momentos singulares de reunião e de reflexão que contribuíram para consolidar as relações de comunhão, através da percepção da identidade coletiva dos habitantes daquele lugar. A união e a força, elementos essenciais para a vitória, foram forjados nesses encontros onde, aos poucos todos começaram a tomar consciência da exploração e dominação em que viviam e a indignar-se com tal situação.

*“Na década de 78 a 79 (...) quando nós criamos essa forma de se evangelizar e, dentro da evangelização, nós criamos a forma de mutirão; trabalhar junto. Era muita coisa, era muita coisa. Aí nós falava em sindicato, nós falava nisso. Pela bíblia nós via como era que os primeiros cristãos ajudavam o povo, ali dizia como era, e a gente foi com essa coisa toda, aí começamos... Adoecia uma pessoa na comunidade nós lia a bíblia e em cima do ato, da letra nós fazia rumo. Vamos hoje olhar como é que está a situação da família de fulano de tal, ele tá com febre, tá doente, vamos limpar o roçado dele? Vamos. Aí nós se juntava um grupo de pessoas chegava lá passava dentro. Nós marcava pra segunda e o povo dizia é melhor é hoje que é Domingo, só dá um pedacinho [para cada um], nós indo lá nós tira. Nós chegava lá só fazia passar: um tirava um pedacinho, outro tirava um pedacinho, não dava nada, era muita gente.... Tudo isso foi acompanhando a bíblia e olhando o que a oração dizia e tal, era amar o próximo, cuidar do próximo, aquela coisa toda”.*

Os testemunhos demonstram que a fé, a liturgia foram elementos que vieram consolidar os laços existentes:

*“... O problema era arrumar a bíblia, arrumar uns folhetinhos e por aí celebrar a novena, como aqui, nós todinhos aqui celebrar uma novena. O que é? Ler o que tinha naquele papel e pôr em prática para o pessoal se unir...”.*

Naquela época, a Igreja já vinha desenvolvendo um trabalho pastoral de educação de base e de conscientização pautado em uma metodologia que confrontava «evangelho e vida», como explica a atual Presidenta do CETRA, membro da CAPT durante os anos iniciais desse processo de luta:



*“Havia uma equipe na diocese chamada equipe **do Movimento Dia do Senhor** e havia uma integração muito grande entre a pastoral da terra e esta equipe, entre o MEB e esta equipe. Essa equipe tinha uma experiência de trabalhar uma metodologia do **evangelho e a vida**, que utilizava muitos textos evangélicos para serem refletidos (...) para que os grupos comessem a associar essa reflexão bíblica à sua vida. Então, isso perpassou um pouco também pela linha de pastoral da diocese, entendeu? O evangelho mais vivo, mais dentro da vida das pessoas. E não havia, por exemplo, entre os grupos que trabalhavam nas pastorais, não havia essas divergências tão grandes de metodologia”*

A criação da CAPT está associada ao contexto local, como testemunha a coordenadora geral do CETRA: “... quando começou a surgir muito conflito na diocese, o dom Paulo Ponte criou a Comissão de Assessoria à Pastoral da Terra/CAPT, não tinha a CPT exatamente e, em 1982 - porque ele já tinha uma experiência em vários municípios [nessa luta pela terra] chamou o Pinheiro pra ser advogado da diocese e compor essa equipe da CAPT, que é o Gonzaga, o Teles, a Nair, o Pinheiro, às vezes a Aparecida... Então, a partir daí o Pinheiro começou a acompanhar, porque o processo de trabalho do advogado era muito mais assim de acompanhar, fortalecer a organização do pessoal e, aí simultaneamente entrar com ações na justiça, porque o INCRA nunca desapropriava uma terra se não tinha conflito, às vezes esperava que morresse alguém, matasse alguém... Só pra ter uma idéia de quando foi que começou a inserção do Pinheiro aqui, o conhecimento com o CETRA, em 82. Quer dizer, o CETRA tinha acabado de nascer”.

Os encontros para as práticas religiosas passaram a se constituir em pretexto para reunir os moradores e discutir coletivamente – em assembléias – os problemas da comunidade:

*“... Com essa arrumação de se reunir na Igreja através da religião católica, nós continuava nesse trabalho, nós criamos também uma forma... como reunia gente pra rezar, dentro da mesma reunião da oração falava-se de sindicato pros trabalhadores rurais e eles diziam: o que é isso? O que é isso? Rapaz sindicato é uma coisa que defende nós, isso era depois da celebração...”*

Ao ouvir tantos testemunhos e diferentes exemplos não se pode duvidar que ali existiu, durante um certo tempo, uma comunidade em sua expressão utópica: tudo era partilhado, tanto as dificuldades e infortúnios, quanto as doações e auxílios. No testemunho de uma Coordenadora geral do CETRA, um exemplo concreto é comentado:

*“... Quando a gente trabalhou com o projeto do PMA (Programa Mundial de Alimentos), [o que se realizava] eram [trocas de] alimento por trabalho. Aí tinha uns recursos, tinha as cestas básicas e tudo as mulheres administravam. Eles tomaram uma decisão de que aquelas*



coisas que vinham... **“todos somos pobres, mas nós vamos distribuir primeiro entre os mais pobres”**. Quer dizer, que incluíam também os não assentados, os agregados. E eles distribuíram e eu achei muito interessante isso. Eles reconhecerem que existem pessoas mais pobres... Por exemplo, um dizia..., o outro dizia não, vamos primeiro priorizar aqueles que não têm nada que são mais pobres do que nós (...)”.

Então, como relembra a Presidenta do CETRA, então membro da CAPT:

*“... a leitura, a utilização do texto bíblico instrumento de reflexão, como instrumento para fortalecer a união, como instrumento da organização, mas também como instrumento de defesa dos direitos das pessoas, isso foi muito forte na diocese. E isso passou por todos os grupos. Todos os grupos têm essa experiência. O Escalvado, por exemplo, tem uma experiência muito rica nessa reflexão bíblica”*.

**A oração sem ação perde sua força. Para viver sua fé, o povo de Deus necessita ter condições materiais de vida**, estas são algumas das idéias básicas difundidas pelos adeptos da teologia da libertação. Os encontros litúrgicos tornaram-se momentos propícios para debater problemas locais. As relações entre membros da pastoral e moradores de pequenas comunidades rurais foram se consolidando a partir de metodologias e pedagogias, reforçando seu papel de atores, sujeitos de mudanças sociais. Como ressalta a atual diretora presidenta do CETRA:

*“O Escalvado, por exemplo, tem uma experiência muito rica nessa reflexão bíblica (...). Nesse momento inicial é uma coisa que me chama atenção, eu sempre me impressionei com a forma como o grupo de Escalvado trabalha. Eles têm uma metodologia muito própria, muito vivenciada, muito simples e também muito comprometida, muito clara e eles têm uma clareza muito grande da importância que a bíblia teve, que o evangelho teve para eles (...).que houve alguns problemas, (muito) mais de caráter organizacional, mas essa presença de fé, ela ainda é muito forte. E eles têm vários exemplos que eu acho que justificam que eu faça essa afirmação.”* **O grupo do Escalvado, ele ainda mantém muito viva, muito viva essa experiência de fé e vida.**

A atuação de membros da Igreja católica vem passando por mudanças. Hoje, algumas iniciativas que reforçam aspectos da religiosidade popular, relacionados com práticas consideradas mais tradicionais vêm sendo realizadas. Os grupos de filhas de Maria, grupos de oração, de formação e catequese, estão renascendo, mas com outra tônica. Alguns moradores têm demonstrado interesse e aderido a estas atividades. Estes grupos estão se consolidando e

Considerada como “nova interpretação da mensagem evangélica, à luz da justiça social,” a teologia da libertação “não é propriamente uma teologia, no sentido de reflexão sobre Deus”. Origina-se do movimento de teologia política que surgiu na Europa na década de 1970. Na América Latina, ganha grande impulso com a Conferência Episcopal de Medellín (Colômbia, 1968). Nesta ocasião, os Bispos adeptos da teologia da libertação consideram que “o homem precisa libertar-se do pecado e de todas as formas de opressão, inclusive das injustiças” (cf. [www.vestigios.hpg.ig.br/Teologia%20%libertacao.doc](http://www.vestigios.hpg.ig.br/Teologia%20%libertacao.doc)).

gozando aos poucos de reconhecimento. Todavia, neles, a preocupação com as condições concretas de vida, com as situações de opressão é menos evidente. Não se observa, em suas metodologias, a orientação para confrontar fé e vida, leitura, missa, celebrações e vida quotidiana. Eles não perseguem os mesmos objetivos daqueles que orientavam suas atividades pela teologia da libertação. A emergência destes grupos e o arrefecimento das atividades das comunidades eclesiais de base devem-se às mudanças de orientação no seio da Igreja local, regional e nacional.

A Presidenta do CETRA ressalta que "... um certo enfraquecimento da chamada teologia da libertação no Brasil (...) é o reflexo da conjuntura da Igreja no Brasil" e que isto reflete na atuação das equipes diocesanas."

Não se pode negar a presença e ação de um líder carismático, grande "mobilizador" e animador da comunidade, nem as relações de poder e de controle que ali se estabeleceram com o assentimento de todos. Um exemplo dessas relações são as cláusulas do regimento interno e a forma coletiva de resolver determinados problemas pessoais. Uma disputa de água entre duas mulheres constituiu tema tratado em assembléia. Quando o problema era considerado como suscetível de afetar, de algum modo, a coletividade, devia ser tratado de forma coletiva. Outro exemplo é a proibição total do consumo de álcool dentro da área desapropriada. A "lei da comunidade" se superpôs à "lei do mercado" até o momento em que a coesão e a união foram suficientemente fortes e em que a situação de todos os moradores era a mesma (moradores explorados por um proprietário), dando-lhes identidade comum, reforçando esta coesão, em uma dialética favorável à vida comunitária.

O vigor do coletivo, vinha também da identificação clara de uma situação e de um "inimigo" comum contra os quais deviam lutar. Para tanto, era necessário somar as forças, "**na luta do tostão contra o milhão**", como costuma repetir um líder local ao contar a história da luta pela terra. Para ele, os moradores tinham que "**juntar muitos tostões para combater o milhão**", metáfora utilizada para justificar a necessidade da união de todos para fazer face ao "patrão".

Hoje, existem divergências sobre o desaparecimento ou o fim das relações de ajuda mútua na comunidade. Para alguns moradores e técnicos que vêm acompanhando a caminhada dos moradores de Escalvado, a natureza e as formas de solidariedade mudaram, porque novas relações de parceria passaram a existir. Alguns serviços públicos, ainda que insuficientes, quer seja dentro da própria área do assentamento, quer seja em Itapipoca ou em Fortaleza, uma vez que as possibilidades de deslocamento ampliaram-se, com a construção da estrada que liga Escalvado a Itapipoca, apesar da mesma permanecer precária e impossível de trafegar em alguns trechos durante o período chuvoso.

Atualmente, a maioria dos agricultores de Escalvado está trabalhando em «seu próprio pedaço de terra», dentro da área desapropriada ou em terras alugadas. Alguns afirmam que as trocas de dias de serviço não existem

mais. Outros testemunham que, apesar de raras, ainda são praticadas por alguns moradores. Para nuançar esse debate, um técnico do CETRA, explica que:

*"... aqui e em quase todo canto [em outros assentamentos], como as famílias, os filhos começam a crescer, aí acaba sendo aquela unidade familiar, pai, filho e cunhado, genro, certo? Então eles formam o mutirão... é mais aquela questão da família, porque aí a família cresceu, né, tornaram-se mais (...), donos das próprias casas deles. Então, acaba que ficam assim, aquele mutirão de várias famílias que eram parentes ou não, quer dizer, deixou de existir, e ficou um grupo menor com as pessoas ligadas diretamente... [pelo laço de parentesco]"*

Provavelmente, essas experiências que marcaram e marcam tão fortemente os moradores de Escalvado justifiquem um certo «saudosismo» de alguns:

*"Em termos de trabalho, no período que eu era jovem, nos meus dezessete anos, dezoito e até vinte [o povo daqui] era mais organizado do que agora. Era mais organizado por que? Porque o pessoal tinha uma solidariedade de trocar dias, mas trocar dias com as pessoas que não desse prejuízo... Quando era nessa época todo mundo já tinha feito os seus trabalhos, não dava prejuízo a ninguém, tinha grupo que trocava cinco dias pra ali, outro trocava dez pra acolá, outro... Eu, pelo menos, mais o Genésio fomos trocadores de dia a vida inteira e nisso daí agente fazia o trabalho todinho... Dava mais rapidez... Quando a terra foi desapropriada, aí foi que aumentou o trabalho, aí fomos trabalhar de mutirão. Existiu mutirão aqui de até setenta pessoas... Mas de um certo tempo pra cá, quando o pessoal, nós ganhamos a posse da terra, não digamos com todos, mas uma boa parte do pessoal pensou que depois que desapropriou, que 'ganhamos' a posse da terra, pronto, 'ganhamos' tudo o quanto precisava, aí se esfacelou, foi um pra acolá, outro pra acolá, o mutirão esfacelou também. E hoje está no que tá, tá desse jeito. E uma boa parte tá pensando em..., não nasci pra agravar ninguém, mas uma boa parte tá pensando em si próprio, em si próprio".*

Apesar de algumas reclamações e de mudanças reais nas relações entre os moradores de Escalvado, a palavra que marca a história da comunidade é UNIÃO. A mesma união que hoje tomou outras formas ou enfraqueceu (na opinião de determinados moradores), constituiu ingrediente indispensável para as vitórias alcançadas. São muitos os "casos" contados, momentos marcantes em que os moradores unidos enfrentaram problemas individuais ou coletivos. Diante das adversidades, da ausência das autoridades locais, da inexistência de ações públicas e dos escassos

*Moradores de Escalvado, com maior capacidade de trabalho e com pouca terra dentro do perímetro desapropriado, ainda arrendam terras nas cercanias. Presume-se que estes continuam sendo explorados por proprietários do entorno. Esta situação perdura por motivos óbvios: a terra é insuficiente para que todos que nela habitam assegurem níveis de produção suficientes para garantir a segurança alimentar e a comercialização para suprir outras necessidades.*



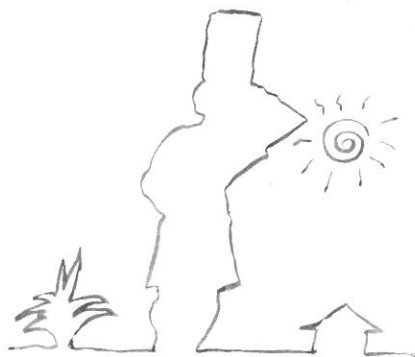
recursos financeiros das famílias, a única maneira de enfrentar a maioria dos problemas foi e ainda tem sido unir as forças, “os tostões”, a boa vontade, a fé, a esperança de todos, os diferentes saberes e colocar tudo isso na defesa do coletivo. Através dessa união foram organizados os primeiros mutirões para preparar o “roçadão” – roçado coletivo preparado por cerca de 70 homens, com a ajuda de suas mulheres e de alguns filhos maiores – da mesma forma, foram constituídos os grupos de trabalho para reconstruir casas de moradores que não dispunham de condições para assumir sozinhos a empreitada; grupos se mobilizaram para abrir ou melhorar a estrada e demais vias de acesso, construir poços e cacimbas, dentre outras atividades. Além dos mutirões, na ausência de quaisquer tipos de assistência médica e social, na “hora da necessidade”, os moradores se uniram para ajudar seus vizinhos: cotizando-se para comprar medicamentos; transportando em redes mulheres, crianças ou homens que necessitavam de atendimento médico; doando gêneros alimentícios a vizinhos doentes e sem condições de trabalhar; ajudando a proteger as terras ameaçadas de grilagem por seus vizinhos (terras limítrofes); dentre outros casos. Todas as questões eram tratadas coletivamente, em assembléias, em uma espécie de «democracia direta».

A despeito da insatisfação ante o “individualismo” de certos vizinhos (companheiros de luta), ainda hoje se percebe o sentimento de união dos moradores de Escalvado. Os legumes, hortaliças e frutas produzidos e não comercializados são facilmente distribuídos entre vizinhos, não se sente clima de hostilidade. A violência vem de fora do assentamento, ela não parece fazer parte do cotidiano dos moradores daquela comunidade. Mesmo que a autogestão não tenha resistido à propriedade privada ou à apropriação e ao uso privado das terras cuja domínio permanece coletivo, a gestão participativa pode ainda se concretizar.

#### *1.4. Estratégias e aliados na luta pela terra*

A vitória dos moradores de Escalvado, materializada na desapropriação das terras, não teria acontecido se estratégias e táticas não tivessem sido postas em prática. Alcançar esta vitória teria sido provavelmente mais difícil sem a presença de aliados e apoiadores que deram suporte às ações empreendidas pelos moradores e que, em alguns casos, continuam apoiando a comunidade em seu processo de desenvolvimento.

Dentre os principais aliados dos moradores no processo de luta pela terra e subsequente desenvolvimento da comunidade figuram, em primeiro plano, grupos ligados à diocese de Itapipoca e às suas pastorais sociais, o CETRA e os sindicatos com suas lideranças. A presença do padre, o apoio do bispo e de membros de pastorais e serviços da Igreja e, através destes, o contato com o CETRA constituem parte da estratégia de luta dos moradores de Escalvado. Estratégia não definida *a priori*, mas construída ao longo dos anos de colaboração entre os diversos atores. Não se pode deixar de mencionar que, ao lado do CETRA e dos organismos ligados à diocese encontram-se associações internacionais de solidariedade de diversos países, por vezes organismos públicos que apóiam financeiramente atividades



realizadas na comunidade (capacitação política das lideranças, assessoria jurídica, assessoria técnica, formação técnica dos agricultores visando uma prática ecológica da agricultura e a melhoria das condições de vida, dentre outras). A partir do processo de desapropriação estabeleceram-se relações com o INCRA, que se tornou órgão de grande importância na comunidade. Mais recentemente, os moradores têm estabelecido novas relações de parceria, por exemplo, com a Cooperativa de Crédito Rural de Itapipoca (COCREDI), com secretarias municipais de educação e de saúde e têm se mobilizado na perspectiva de ter acesso a outras políticas públicas.

As relações entre moradores de Escalvado e membros das pastorais e do CETRA estreitaram-se quando as dificuldades de relação entre moradores e proprietário começaram a se agravar, especialmente a partir da decisão da venda da propriedade. No início, as visitas à comunidade não eram fáceis, assim testemunha a atual Presidenta do CETRA:

*"... Eu fazia parte da equipe da Pastoral da Terra. Inicialmente a gente nem tinha condições de andar lá [em Escalvado], porque aqueles conflitos que surgem não surgem de repente, surgem porque eles [os moradores] foram tomando consciência dos direitos deles..."*

O anúncio da venda das terras levou as lideranças locais a buscar ajuda externa: aliados em quem pudessem confiar, aliados capazes de dar respaldo e apoio nos momentos mais difíceis, uma liderança local afirma:

*"... foi na época que nós chamava uma organização, que pra mim nesse tempo, que se chamava CPT. Então, foi obrigado chegar até lá pra se entender como era que se ia caminhar. Daí nasceu o conhecimento e a ligação do assentamento com essa grande forma de cooperação de cá com a cooperação de lá, pra decidir e encontrar um espaço. Aí nessa época, eu quero saber, a Margarida sabe até mais bem do que eu, nesse tempo o doutor Pinheiro pra nós era muito novato, uma pessoa muito nova, em prol do conhecimento da gente... Era a igreja, o bispo entrava, era a Nair, era o doutor Pinheiro, era outro doutor que chegava, era um doutor Cláudio, eu sei que era assim um negócio... a irmã Maria Alice, a irmã Beth e era todo esse povo ajudando. Era um povo ajudando, levando aquele barco na frente e nós animados com aquilo ali. Foi na hora que fomos obrigados a ir ao INCRA. Dessa vez fomos no INCRA".*

Nessa relação os moradores preservaram sua autonomia, sempre respeitada por membros das equipes pastorais e de assessoria que ali chegaram, como prossegue explicando a atual Diretora Presidente do CETRA:

*"A gente teve sempre o cuidado de dar autonomia para as pessoas para dirigir o seu próprio processo. Isso não é fácil em virtude da relação de dependência que existe no Brasil. Mas, pra nós sempre foi muito claro, quem está na comunidade é o grupo. Existe até*



*hoje uma coisa que nunca me saiu da memória... Em um dos nossos momentos de discussão com o grupo, teve um índio (nós tivemos no grupo, a nação Tremembé, e teve uma das pessoas, um dos índios - a gente nem tinha muita consciência nessa época que eles tinham interesse em resgatar a sua identidade indígena - ele definiu assim o nosso papel como equipe, e ele definia esse papel pra um advogado [da equipe de assessoria]. Ele disse, '**dr. se referindo ao dr. Pinheiro, nós temos que viver assim, nós cuida do mato e o sr. cuida de nós na cidade**'. E, essa expressão aparentemente simples tem uma riqueza muito profunda. Quer dizer, lá o grupo tinha autonomia para pensar, para refletir, mas o grupo precisava ser respaldado por uma equipe que refletia com ele, que dava a assessoria no momento necessário, que defendia na polícia ou na justiça. Então, a gente teve o cuidado de refletir esse processo dessa forma. E também, ao mesmo tempo em que a gente ia refletindo [sobre] a luta pela terra com eles, a gente ia ajudando no processo de fortificação da organização deles (...). A minha relação com o Escalvado é parte do processo de organização da reflexão em si (...) eu fui a pessoa da equipe que esteve muito presente".*

A adoção de medidas de proteção e de estratégias de organização pautadas na força do coletivo resultou em alguns acontecimentos que marcaram a história de Escalvado. Vários exemplos ainda estão na memória dos moradores.

O modo de convocar a presença imediata de todos, em quaisquer ocasiões em que chegavam «estranhos» na comunidade, que fossem julgados inimigos, opositores ou apoiadores, pode ser destacado como parte da estratégia de defesa construída. A topografia do lugar e a dispersão das casas dentro da área demandavam um modo próprio de convocação, em caso de urgência. Assim, quando necessário, as lideranças soltavam "foguetes" (explosivos utilizados nas festas juninas) para mobilizar rapidamente todos os moradores. Segundo depoimentos dos próprios moradores, os visitantes ficavam sempre impressionados com a rapidez da chegada de todos à zona central onde costumavam se reunir.

Muitas vezes, para livrarem-se de acusações, prisões ou do pagamento de multas, preservando suas atividades de subsistência, os moradores reunidos tiveram que tomar decisões e enfrentar com firmeza juízes e policiais. Dois exemplos interessantes ilustram estratégias adotadas:

- depois do incidente com o proprietário das terras, a juíza proibiu os moradores de preparar o roçado. Vendo aproximar-se o tempo da sementeira, os adolescentes da comunidade, por não serem passíveis de punição por parte da justiça, foram preparados para queimar o roçado brocado. Pois, quem pode controlar tudo que uma criança ou adolescente faz? Quando convocados à

delegacia, os moradores explicaram que não podiam deixar seus filhos passar fome ou sair de casa para roubar para ter o que comer. Este havia sido o motivo que os levava a preparar o roçado.

- depois da queima do roçado coletivo, os moradores foram proibidos de semear os grãos, estando prevista uma vistoria por parte de um perito. Resolveram então, semear na calada da noite para não deixar provas de que o roçado havia sido plantado após a interdição. O perito não encontrou em Escalvado roçado com as características descritas pela juíza, ou seja, não semeado. Tempos depois os moradores puderam realizar a colheita.

A queima do roçado, ação realizada para garantir a plantação é relatada por um membro do CETRA, ressaltando a estratégia utilizada:

*“Em Escalvado existem algumas coisas, alguns casais que nem a mulher pode saber o segredo do homem. Então, assim, eles decidiram que eles iam, todos iam descer e fazer uma celebração em Itapipoca, na sede. Saíram à noitinha todos arrumados com violões, livros de canto, aquele negócio. E quando chegaram em Itapipoca, eles já tinham articulado porque eles tinham uma articulação assim, uma casa que eles podiam chegar, trocar de roupa. Então, eles decidiram, vieram a uma certa altura da noite, eles subiram, deixaram todas as roupas da celebração arrumadas, toda a bagagem da celebração na casa. Na bolsa também tinha vindo roupa de serviço. Então, eles se vestiram com a roupa de serviço, subiram novamente, isso tudo na mesma noite. Desceram no começo da noite, mais tarde da noite subiram, fizeram a ação, desceram novamente pra Itapipoca pra vestir a roupa da celebração e chegaram cinco horas da manhã em casa. E essa ação foi feita e depois eles foram intimados na polícia e todos foram, não só os da celebração, muita gente, e desceu todo mundo, não só os que foram intimados. A juíza supunha que fosse fulano, fulano, fulano. Então, eles decidiram que todos iriam para a delegacia, todos. Então, na frente da delegacia de polícia ficou aquela multidão, homens, mulheres, tudo. E eles tinham que comparecer pra poder prestar depoimento de quem tinha feito aquele negócio, aquela destruição ...”*

Sempre que algum morador, grupo ou liderança era intimado, todos se dispunham a descer a serra em procissão e manifestar-se diante da delegacia na sede do município, mostrando assim o caráter e a responsabilidade coletiva da luta. O depoimento da atual Presidenta do CETRA revela a postura dos moradores de Escalvado:

*“Uma das coisas que me marca, que tem me marcado muito, que tem me feito estar sempre atenta ao que está acontecendo no Escalvado, mesmo não estando assim tão*

*perto deles, primeiro é esse espírito de grupo que eles têm. Essa coisa do coletivo é muito forte entre eles. Isso foi muito forte na luta, entendeu? É, eles também têm assim uns segredos de organização que eu não vi em lugar nenhum. A forma como eles decidiam fazer as coisas, eles sempre foram muito autônomos, quer dizer, a gente refletia... eles não chegavam pra nós, na equipe, diante de uma situação conflituosa naquele momento para perguntar o que fazer. Quando eles chegavam para a equipe, eles já tinham se reunido, eles já tinham refletido e olhe que não era fácil se reunir no Escalvado..."*

A força e o espírito de luta são sempre ressaltados:

*"Quantas e quantas vezes eles fizeram reuniões de madrugada, entendeu? Normalmente tinha que ficar um grupo reunido e outras pessoas tomando conta, vigiando. Não era fácil, mas eles sempre tiveram muita autonomia e muita criatividade, para descobrir e decidir o que fazer, [e como fazer] determinadas coisas. Quando eles chegavam para nós eles já sabiam o que fazer. O que eles queriam refletir conosco era se o jeito que eles estavam pensando em [resolver] determinada situação onde ajudava a fortificar a luta e onde poderia atrapalhar a luta. Isso é um processo metodológico, eu acho. Então, havia muita criatividade, nesse sentido, e autonomia no jeito de pensar. E havia também muita reflexão, até o grupo chegar a uma decisão dessas. Então, não era uma coisa tomada de repente, era uma decisão bastante madura, bastante refletida. Isso sempre me chamou atenção no processo metodológico, porque você vê ali que são pessoas praticamente sem estudo..."*

O estabelecimento de relações com representantes de Sindicatos de trabalhadores rurais também fez parte da estratégia de luta e de conscientização de todos sobre seus direitos. A eleição do primeiro delegado sindical em Escalvado motivou ainda mais o processo de organização dos trabalhadores rurais e trouxe legitimidade para o principal líder local. Esse novo papel assumido lhe permitiu manter contatos com outros delegados, com militantes e advogados dos sindicatos de trabalhadores rurais, com os quais pôde debater e aprender. Ao ouvir relatos diversos, percebe-se claramente a força, a criatividade, a iniciativa dos moradores, como relembra a atual Diretora Presidente do CETRA:

*"... O pessoal do Escalvado tem uma diferença, eles têm muita determinação, muita iniciativa, criatividade. Se tem um problema, não se acomoda (...). Eles insistiram, insistiram... o poder público não fez, mas eles não ficaram sem estrada, eles fizeram. Destaca ainda a questão do mutirão, muito forte no Escalvado. Existem outras experiências, os segredos, foram importantes no processo de organização dos moradores..."*

Passados mais de vinte anos, os moradores de Escalvado vivenciaram não apenas o processo de luta pela terra. Eles tiveram experiências variadas de negociação, visando consolidar a grande conquista. Depois da desapropriação, as necessidades mudam e, conseqüentemente, a natureza da demanda dos moradores em relação ao CETRA e demais grupos de assessoria. As negociações evoluem com o desenrolar da luta. Muitos moradores estão preparados para negociar e defender seus direitos. Ao longo desses anos, eles tiveram que negociar com a Igreja, com o CETRA, com o INCRA, com a polícia, com os representantes do poder judicial e com políticos locais e estaduais. O tipo de negociação variava, mas tratava-se sempre de negociar a partir de uma reivindicação ou de um problema concreto debatido em assembléias. Atualmente, apesar da dispersão de alguns moradores, das cisões (cf. parte 1.2), as assembléias comunitárias continuam sendo o espaço privilegiado de discussão e decisão. Aos parceiros históricos como as pastorais e serviços da Igreja, o CETRA, os sindicatos, juntaram-se novos como COCREDI, Prefeitura Municipal. Moradores, aliados e colaboradores estão diante de desafios de natureza diferente: como fazer face aos limites da «reforma agrária» realizada e dos problemas gerados pela mesma?

## **2. A conquista da terra: uma conquista parcial**

Em geral, os processos de luta pela terra têm resultado em conquistas parciais. Por um lado, os procedimentos adotados para assentar são questionáveis, pois resolvem o conflito imediato, muitas vezes através da desapropriação das terras em questão, mas deixam irresoluta a questão da divisão das terras entre os moradores. As famílias excedentes tornam-se agregadas, não tendo, por conseguinte, acesso a projetos e financiamentos. Por outro, os recursos para custeio agrícola, instalação de infra-estruturas (estradas, reservatórios de água, eletricidade, etc), equipamentos e serviços públicos são escassos, demoram a ser liberados e a assistência técnica é insuficiente. Pode-se falar em reforma agrária incompleta ou parcial tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo.

### **2.1. Conquista simbólica de todos x conquista material de alguns**

A maneira de tratar a demanda dos sem-terra tem resultado em problemas, pois o processo de assentamento tem ficado incompleto: uma fração das famílias é “assentada” e outra permanece dentro das áreas desapropriadas esperando uma solução que nunca chega. Uma das primeiras formas de divisão das comunidades rurais em luta pela terra tem sido provocada pelo INCRA: ao atribuir o estatuto de “assentado” a uma parcela das famílias mobilizadas, cinde o grupo em dois: os “assentados” e os “agregados” ou “cadastrados”. Esta segunda categoria, cuja existência é considerada provisória, na verdade tem perdurado, ou mesmo se tornado definitiva. É por este motivo que a conquista da terra tem se tornado simbólica para todos que participaram da luta e uma conquista material apenas para aqueles que adquirem o estatuto de “assentados”.

Em Escalvado, foram desapropriados 512 hectares de terra, onde vivem 140 famílias. Para o INCRA, apenas

40 famílias encontram-se em situação regular. Contudo, as outras 100 famílias que participaram da luta continuam morando no mesmo lugar, uma vez que não foram assentadas em outras terras. Muitos recusaram a proposta do INCRA de deixar a região para serem assentadas em outras terras localizadas no município de Caucaia (Região Metropolitana de Fortaleza). A instituição responsável pela Reforma Agrária, pela desapropriação das terras e assentamento dos moradores vem postergando o tratamento desta questão, enquanto os moradores tentam formas de acomodação e de convívio que prejudiquem o mínimo possível a vida de todos. De todo modo, em razão do tamanho da propriedade, existe uma enorme pressão demográfica dentro da área desapropriada.

Encontrar formas de convívio, diante de tal cisão, nem sempre tem sido tarefa fácil. Para os agregados, o acesso a financiamentos é quase impossível. Por certo, eles não têm dívidas e se beneficiam das infra-estruturas e serviços instalados na comunidade. Todavia, a situação de seus descendentes, e dos filhos dos "assentados" não é nada cômoda. Até o presente, as relações de parentesco, amizade e compadrio são suficientemente fortes para não provocar maiores intrigas ou disputas, mas, uma vez que a população vai crescendo, tanto com a chegada de novos moradores (maridos e esposas de filhos da terra) quanto com o crescimento vegetativo da população, estas relações podem se tornar mais «frouxas», mais frágeis, dando lugar a disputas entre membros da comunidade. Quando as mesmas tiverem como objeto a divisão interna de terras, a solução será de grande complexidade. Hoje, resolve-se informalmente, coletivamente na base de relações de amizade.

A oposição entre aqueles que têm sido beneficiados apenas simbolicamente e os que foram beneficiados de fato, ou materialmente, é uma oposição frágil e complexa, tendo sustentação apenas no que se refere ao estatuto em relação à terra e ao acesso aos créditos provenientes do governo federal. Muitos "agregados" ou "cadastrados" têm tido de fato conquistas materiais significativas. Eles vivem e produzem na terra e têm conseguido melhorar concretamente suas condições de vida após a desapropriação e a "libertação do julgo do proprietário".

Analisando a situação de Escalvado percebe-se que estudos sócio-antropológicos e econômicos preliminares ao processo de assentamento não realizados poderiam evitar sérios problemas atuais e futuros.

## ***2.2. Contradições e efeitos negativos do processo de assentamento***

A divisão da comunidade em vários subgrupos pode ser considerada como um dos principais efeitos negativos do processo de assentamento. Esta divisão tem provocado mudanças na estrutura organizativa local e nas relações entre os diferentes moradores. Nos relatos acima, observa-se que a solidariedade, o sentimento de pertencer a uma coletividade, a percepção de uma identidade comum, foram fatores que contribuíram para consolidar os laços entre moradores e famílias, fortalecendo a organização da comunidade. O alto nível de organização, de cumplicidade e confiança dos membros deste grupo representou também fator determinante para a vitória. A quebra ou enfraquecimento

destes laços, embora que outros laços e outras relações tenham surgido, são considerados atualmente como efeitos negativos do processo de assentamento. As relações e cisões necessitam, no entanto, ser analisadas com maior profundidade para desenhar uma estratégia de desenvolvimento local, em uma perspectiva de auto-sustentação e de desenvolvimento durável, pautada na organização e participação do conjunto dos moradores.

Como se deu esse processo interno de divisão? Apenas 40 famílias foram "assentadas" pelo INCRA. Este é um dado real inquestionável. A maior parte das famílias que vivem dentro do perímetro desapropriado não foi beneficiada diretamente pela reforma agrária. Muitas destas famílias tiveram participação reconhecida nas lutas e no desenvolvimento da comunidade.

É possível identificar claramente duas subcategorias de moradores "não-assentados" constituídas a partir do processo de assentamento: os «agregados» (ou cadastrados) e os "aposentados". O grupo dos "agregados" ou "cadastrados" é composto pelas famílias que não foram assentadas, que se autodenominam de "cadastradas", situação que as deixa com a possibilidade de virem a ser beneficiadas pela tão sonhada "reforma agrária". A maioria dos moradores "assentados" denomina estas famílias de "agregados", aceção que faz passar, talvez involuntariamente, a idéia de "indesejados", de "peso" (algo que lhes foi adicionado, apêndice). O termo "agregado" passa ainda a idéia de que esta condição é duradoura, o que não deixa de ser verdadeiro: a própria história tem confirmado. A palavra "agregado" tem sido comumente utilizada para designar aqueles que vivem em terras que não lhes pertencem, mediante acordo ou anuência dos proprietários ou responsáveis. Os "aposentados" representam outra categoria de moradores. Eles tinham idades avançadas no momento do cadastramento e, em muitos casos, já eram beneficiados com aposentadorias (benefício oriundo do governo federal) não podendo adquirir o estatuto de "assentados". Por conseguinte, não puderam ser beneficiados com terra, custeio e melhoria habitacional. Para efeito das ações previstas na política de reforma agrária do INCRA, dentro da área desapropriada vivem apenas as famílias "assentadas". Em geral, constam nos cadastros os nomes dos homens, considerados os "chefes de família".

Como os "benefícios" são atribuídos a indivíduos que passam a assumir uma dívida para com o poder público federal, reparti-los com outro(s) indivíduo(s) ou família(s) sob a base da confiança, tornou-se inviável. Deste modo, os recursos dos custeios favoreceram diretamente as 40 famílias que dispõem de estatuto de "assentadas" e apenas indiretamente, às famílias "agregadas". Estes recursos chegaram-lhes às mãos através do pagamento de eventuais diárias trabalhadas para um "assentado". A divisão dos benefícios recebidos entre os membros da comunidade foi possível até o momento em que estes lhes chegavam a fundo perdido e que havia sistemas coletivos de produção e de mutirão envolvendo número significativo de famílias, independentemente de seus laços sanguíneos ou de compadrio. Compreende-se que assumir uma dívida e repartir os recursos recebidos com outrem seja uma transação difícil de ser administrada em uma situação de informalidade. Além do mais, a exigüidade dos recursos e

a indefinição da situação fundiária dos “cadastrados” não favorecem este tipo de relação de ajuda mútua.

Com a chegada dos “benefícios” (o custeio agrícola, os recursos para investimento, construção e melhorias habitacionais), surgiu ainda um novo grupo dentro da comunidade: o grupo das mulheres, composto por esposas de assentados e de não-assentados, por aposentadas e esposas de aposentados. A constituição desta nova categoria de moradores tem aspectos positivos e negativos. Por um lado, o trabalho de conscientização e de organização sóciopolítico e das atividades produtivas e geradoras de renda das mulheres, desenvolvido pelo CETRA, tem dado reconhecimento e legitimidade, além de produzir efeitos sobre as relações de gênero e entre as gerações a favor da construção de relações de igualdade e de respeito mútuo. Mas, por outro lado, o fato dos homens aparecerem como principais responsáveis pela família e terem, deste modo, seus nomes nos cadastros do INCRA, os coloca em situação privilegiada: são eles que têm acesso aos recursos para custeio ou melhorias habitacionais, são eles que recebem e administram o dinheiro. Este fato tem uma implicação real e simbólica forte nas relações familiares: os homens ganham mais poder em contextos locais e sociais em que já dispõem de muito poder e onde o machismo ainda é bastante forte. Dentre os 40 “assentados”, figuram nominalmente apenas três mulheres, uma porque ficou viúva, as duas outras porque estavam divorciadas quando foram realizados os cadastros. Estas três mulheres têm direito à voz e voto e acesso direto aos recursos provenientes do INCRA.

Apesar de avanços constatados ainda resta muito a ser feito no sentido da construção de relações de equidade entre homens e mulheres. Com a ajuda de moradores e líderes preparamos a lista nominal daqueles chamados de “agregados” ou “cadastrados”. O nome do companheiro ou do marido foi sempre privilegiado, apesar do mesmo ter vindo de outro lugar e ter adquirido o estatuto de “agregado” ou de “cadastrado” graças ao casamento ou à relação com uma mulher da comunidade. Em geral, faz-se referência à “filha de fulano”, à “mulher do sicrano”. Então, as mulheres continuam tendo existência e identidade associadas àquela do pai, irmão, marido ou companheiro. Consistindo ainda em grande desafio a construção de relações equânimes entre homens e mulheres.

Contrariamente ao que se poderia esperar, a constituição da associação de moradores reforçou a cisão entre os diversos grupos: assentados, cadastrados, aposentados, entre mulheres e homens, aumentando o poder destes na comunidade. Para ter acesso a determinados financiamentos e projetos, os moradores formaram uma associação, mas esta é composta majoritariamente por homens “assentados”, cujos nomes figuram como chefes de família nos cadastros do INCRA. Desta forma, os homens são autoridade maior não apenas no seio das famílias, mas na comunidade de modo geral. Esta posição ocupada pelos homens não reflete a realidade: em muitas famílias, inclusive de “assentados” a mulher é o pilar, a pedra angular, o membro que assegura a organização e união. Em muitos casos, são elas as principais provedoras da família, no que se refere ao trabalho na agricultura e na criação de pequenos animais ou em outras atividades que complementam a renda, assegurando a sobrevivência do núcleo

familiar. Segundo alguns depoimentos, esta separação entre homens e mulheres com clara vantagem para os homens, tem desmotivado as mulheres para participar das atividades comunitárias e associativas. Ora, se apenas os homens votam nas assembléias, se são unicamente eles que administram os recursos, as mulheres preferem investir seu tempo em outros espaços, quer seja no âmbito doméstico, quer seja no grupo de mulheres constituído com o apoio do CETRA, quer seja na escola ou nas atividades religiosas. Sobre o acesso aos benefícios da reforma agrária ou das lutas, nuances precisam ser analisadas, como testemunha um técnico do CETRA:

*“Na verdade, eles [os cadastrados] não recebem os benefícios financeiros, dinheiro em si, diretamente eles não recebem. Até recebem indiretamente, porque quando o pessoal recebe esses recursos, às vezes paga, começa a pagar alguma diária, alguma coisa e esse pessoal às vezes é beneficiado com isso. Em alguns assentamentos, a gente já observa que muitos agregados hoje vivem muito melhor que os assentados. Por que? Ora, além deles não terem – o que muitos deles chamam “perda de tempo” - que ir pra reunião, ir às vezes, ser sócio da associação, ter que tirar dinheiro pra pagar uma coisa, pagar outra, participar - além deles não fazerem isso, eles ainda não têm que arcar com dívida nenhuma no banco. Os recursos que vêm, têm que voltar... Então, eles não têm essas dívidas... São empréstimos, né. Então, eles não têm essa dívida...”*

A situação dos aposentados também precisa ser revista. Na realidade, eles já dispunham de «suas terras» (seus quintais) onde continuam cultivando, a despeito de seu estatuto em relação à terra. Como recebem regularmente o benefício da aposentadoria, investem uma parte na agricultura ou na criação de animais de pequeno porte. Quando o casal é beneficiado com a aposentadoria, as possibilidades de investimento de parte do que recebem em seus quintais são ainda maiores. Em alguns casos, os aposentados vivem melhor que as demais famílias do assentamento. Eles têm aumentado suas áreas de produção, assumindo o papel de mola propulsora de pequenos grupos que praticam a agricultura familiar, como ressalta técnico do CETRA:

*“... o pessoal mais idoso (...) quando foi feito o cadastro do INCRA, eles não se cadastraram, mas são pessoas que já tinham suas propriedades, né, seus quintais e que hoje além de estarem na terra, vão crescendo suas propriedades e ainda são aposentadas, às vezes pai e mãe, né. Então eles acabam vivendo melhor.”*

A divisão da comunidade em grupos ou categorias de moradores é talvez o fator mais complexo: a definição dos limites internos das terras entre os diferentes moradores é de difícil solução. Aliás, estes dois fatores estão diretamente relacionados. Para o INCRA, o fato de assentar apenas 40 famílias é justificado pela exigüidade das terras desapropriadas. Mas, a situação dos “cadastrados” e “aposentados” é conhecida por todos, não tendo sido



revista até o presente momento. O que resulta desta questão é a busca de terras para alugar nos arredores por aqueles que necessitam. A existência de elos de parentesco ou compadrio entre os membros dos grupos dos “não-assentados” e aqueles do grupo dos “assentados” torna as relações entre as diversas famílias ainda mais delicadas e a solução da problemática da terra mais complexa. Independentemente da posição, papel ou estatuto dentro da comunidade, todos professam o “**amor àquele lugar onde nasceram e/ou se criaram**”.

Além dos grupos ou categorias de moradores citados acima, existe outro grupo em Escalvado: o grupo de jovens. A constituição do grupo enquanto tal trouxe benefícios para aqueles que o compõem. A organização do grupo de jovens representou uma tentativa de incentivá-los a iniciar modalidades alternativas de trabalho e à participar mais ativamente da vida comunitária. Em Escalvado, a maioria dos jovens concluiu o ensino fundamental, muitos estão terminando o segundo grau e alguns já estão em cursos de nível superior. Quanto maior o nível de escolaridade, menor a vontade e disposição para a prática da agricultura. Este desinteresse deve-se provavelmente ao fato dos jovens não vislumbrarem possibilidades de um futuro melhor do que aquele da maioria dos agricultores das gerações de seus pais e avós. A situação da juventude é objeto de preocupação de todos. A migração definitiva ou temporária para Itapipoca, Fortaleza ou outra cidade, a fim de buscar empregos em indústrias, no setor de serviços, em atividades comerciais ou domésticas é uma realidade. A maioria dos jovens guarda laços com a família, voltando periodicamente para a casa dos pais. Em alguns casos, a migração de jovens pode, em médio prazo, comprometer a continuidade das atividades agrícolas da família: quando da morte do pai, da impossibilidade de outros membros da família assegurar tais atividades.

A despeito da cisão, da formação de diferentes grupos, ainda é possível se conceber e implementar uma estratégia de desenvolvimento local com a participação de todos. Tal estratégia deve considerar inclusive a extensão da área através da desapropriação de novas terras nas proximidades da área atual.

### **2.3. Desapropriar não é suficiente**

A desapropriação representou grande vitória, mas não pôs fim aos conflitos em relação à terra. Para entender melhor o porquê dos litígios em relação às fronteiras externas da área desapropriada é necessário remontar à época dos avós dos atuais assentados e moradores de Escalvado. Segundo depoimentos de moradores (hoje com idades entre 45 e 60 anos), seus antepassados viviam nesses lugares, muitos deles, em regiões situadas nos limites em questão atualmente. No momento em que os técnicos do INCRA demarcaram as terras e iniciaram o processo de desapropriação, os moradores indicaram limites históricos que conheciam desde a época de seus avós e de seus pais. Conta-se, todavia, que antes mesmo da desapropriação, os proprietários das terras circunvizinhas – os confinantes – foram negociar com o ex-proprietário, dizendo-lhe que se conseguisse “livrar-se” de alguns “pedacinhos de terra”,

dando-lhes ou vendendo-lhes, diminuindo deste modo a área total de sua propriedade, ele poderia esquivar-se da desapropriação: a área de sua propriedade seria inferior à área mínima estipulada nos critérios de desapropriação do INCRA.

Então, com a aquiescência do proprietário, os confinantes foram ampliando os limites de suas propriedades, ultrapassando assim as fronteiras históricas conhecidas por todos da comunidade. Os limites históricos dos sítios de seus antepassados continuam na memória dos moradores, sendo, hoje, objeto de disputa, de ações judiciais e de reivindicações. Alguns confinantes solicitam através da justiça reintegração de posse, dando a entender que parte de suas terras foi apropriada indevidamente por assentados ou moradores de Escalvado. Como explica um morador, cujas terras se encontram em litígio com confinante:

*"... Eu moro numa região mais alta acostado num arame que um tal de Messias Pontes passou (...). Eu sou um dos intimados, a juíza disse que tudo que houvesse lá pra dentro da área dos assentamentos, os culpados 'era' nós, é, os culpados era nós..."*

Além dos problemas relativos à divisão interna e externa das terras, nota-se que a ausência de assistência técnica sistemática, de acompanhamento social e a limitação no custeio agrícola têm impossibilitado elevar a produção para níveis superiores àquele da simples subsistência da família.

Pesquisadores e técnicos com nova visão de desenvolvimento e conhecedores da realidade das áreas de assentamento concordam que:

*"A tecnologia pode dar uma contribuição importante para o aumento da produtividade sustentável dos assentamentos rurais no Brasil. No país, exemplos de sucesso mostram que tecnologias simples podem viabilizar assentamentos produtivos. Essa nova visão de desenvolvimento rural contrapõe-se à visão tradicional de emprego da tecnologia no campo, herdada da «revolução verde», que se caracteriza pelo uso de maquinário altamente sofisticado, monoculturas que ocupam áreas gigantescas, elevado uso de insumos, forte impacto ambiental e exclusão dos pequenos produtores"*

Maria das Graças Carneiro de Sena (EMBRAPA) tem alertado para os prejuízos que podem advir do não investimento em tecnologias apropriadas nos assentamentos, "... pois mantém os assentados em um estado de subsistência sem gerar desenvolvimento, sem permitir que integrem sua produção no mercado de forma competitiva".

Todavia, se a baixa produtividade das áreas de reforma agrária é objeto de preocupação de agricultores, técnicos, sindicalistas, membros de ONGs e de organismos públicos, os esforços institucionais têm sido limitados no sentido de capacitar e orientar os agricultores para práticas que contribuam com o aumento da produção (preparo

SCHOBBER Juliana. "Tecnologia simples é fundamental para assentamentos", pesquisa realizada no sítio <http://www.comciencia.br/reportagens/agraria>

SCHOBBER Juliana. "Tecnologia simples é fundamental para assentamentos", pesquisa realizada no sítio <http://www.comciencia.br/reportagens/agraria>

adequado do solo, tratos eficientes das culturas, diversificação da produção, escolha de culturas adequadas ao clima e ao tipo de solo cultivado).

O projeto desenvolvido pelo CETRA em Escalvado e em outros assentamentos vem tentando valorizar a produção orgânica, pois esta representa custos menos elevados (a aquisição de agrotóxicos representa, em geral, custos elevados estando acima das possibilidades dos pequenos agricultores) e causa menos danos ao meio ambiente. A valorização crescente dos produtos oriundos da agricultura orgânica no mercado constitui importante fator a ser considerado nas áreas de assentamento. Nestas áreas, a produção não é extensiva, nem mecanizada, alcançando níveis quantitativos bem inferiores àqueles dos médios e grandes produtores que praticam em geral a monocultura em vastas áreas de terra. Maria das Graças Carneiro de Sena (EMBRAPA) ressalta ainda que:

*“Moderno hoje é a agro-ecologia, agricultura orgânica, a busca da sustentabilidade. Isso não significa que os assentamentos não devam ser modernizados. O que não é viável em assentamentos é aquele modelo altamente dependente de insumos e mecanização”*

*Os moradores de Escalvado já compreenderam a importância da diversificação da produção tanto do ponto de vista ambiental como econômico: a agricultura consorciada e diversificada é benéfica ao solo e contribui para que os pequenos produtores tenham renda e alimento ao longo do ano.*

*Depoimento citado no artigo «Tecnologia simples é fundamental para assentamentos», pesquisa realizada no sítio <http://www.comciencia.br/reportagens/agraria>*

Testemunhos de homens e mulheres de Escalvado que participaram dos cursos sobre produção orgânica, agrofloresta, preparo de compostos orgânicos, etc, mostram quão valiosos têm sido os conhecimentos adquiridos e/ou aperfeiçoados nestes cursos e oficinas.

A partir da realização destes cursos e da consolidação do grupo de mulheres, várias atividades foram desenvolvidas, destacando-se dentre elas o cultivo de hortaliças orgânicas. A produção coletiva é sazonal, pois o terreno onde foram construídos os canteiros alaga em períodos invernosos, durante os quais as mulheres trabalham no plantio e na colheita de grãos (feijão e milho). As duas atividades são complementares. Atualmente, muitas mulheres cultivam hortas e canteiros em seus quintais para o consumo da família. Uma das mulheres do grupo explica o desenvolvimento do trabalho de hortas coletivas:

*“... Agora assim, a gente trabalha em canteiro, ainda tem uns canteiros que a gente trabalha, as mulheres (...). No começo, a gente plantou cenoura, beterraba, repolho, alface, cebolinha e coentro, pimentão e pimentinha de cheiro. Tudo isso nós tem lá... Só que agora, na época do inverno, o que tem lá é mato!!! Já tá criando água dentro, já tem muita lama, aí fica mais difícil!! Ai, a gente já planta, assim, quando a terra enxugar mais. Por enquanto não, que lá é muito baixo...”*

No início não foi fácil, mas as mulheres foram aprendendo umas com as outras:

*“Quando a gente começou a trabalhar tinha mulher que não sabia nem preparar um canteiro. (...) Eu era já mais acostumada. Elas, às vezes, diziam até assim: ‘Ah! acho que eu vou é desistir porque nós faz o nosso canteiro e nunca dá certo. Você tem que ajudar pra ficar bonitinho’. E eu ia lá e limpava né, pra ficar tudo bonitinho, tudo parecidinho uns com os outros né? Até que hoje em dia todas sabem fazer né? Mas no começo... (...). No começo a gente tem dificuldade, mas aí depois vai vendo a outra fazer e vai fazendo e aprende também né?”*

Outras mulheres, observando os resultados obtidos com o plantio de canteiros e de fruteiras, passaram a preparar os próprios canteiros em seus quintais. O mesmo ocorreu com a preparação e o plantio de roçados. Iniciativas de reflorestamento foram também constatadas, bem como a diminuição das queimadas não apenas nas terras das famílias dos 30 participantes dos cursos e oficinas. Estas mudanças nas práticas dos agricultores locais foram explicadas e mostradas por participantes dos cursos durante visita de campo: plantar em curva de nível evita a erosão, que **“carrega toda a substância da terra”**, como ressalta uma moradora entrevistada:

*“... Quando a água descia, carregava tudo pra dentro da baixa. E agora, não!!! É plantadinho assim, e esse ladinho aqui, quem planta mesmo sou eu: capino. (...) Se plantar em curva de nível, sabe que vai segurar né? Aqui mesmo, nesse lado aqui, desse quintal, é todo plantado assim, é processadinho em curva de nível (...). Mesmo aqui, nesse lado aqui [no quintal da casa] que tá plantado milho, a gente planta em curva de nível...”*

Apesar de não mais trabalhar diretamente na agricultura, uma moradora que participou dos cursos e oficinas considera que o aprendizado mais importante foi o **modo de plantar em curvas de nível**:

*“Minha filha, eu acho assim, não sou homem, apesar de que eu não trabalho, mas eu acompanho, o negócio de plantação, para o meu marido (...) a curva de nível, plantar na curva de nível [foi uma inovação importante]. Mudou muito, porque, a chuva seja pouca, que seja muita, mas nem arrasta o milho, não lava a terra, e outra também, se tem estiagem, toda e qualquer chuva serve, porque acumula né? ali, naqueles... Não desce tudo, não deixa descascada [a terra] como fazia antigamente...”*

As técnicas de preparo de compostos orgânicos introduzidas nas oficinas estão sendo disseminadas na comunidade, a prática da agricultura consorciada, etc. Os exemplos e testemunhos acima expostos demonstram que mudanças que resultem na melhoria da qualidade de vida dos moradores podem ainda ocorrer em escala mais importante. Mas, a construção de uma nova cultura, a consolidação de novas práticas agrícolas que incidam na

qualidade de vida, demanda, por um lado, investimentos significativos e, por outro, um tempo maior de acompanhamento.

Os moradores necessitam ainda de assessoria técnica e de recursos para dar novo salto qualitativo. Assim, parece evidente que restringir a reforma agrária à desapropriação de terras não assegura mudanças qualitativas e duráveis nas condições de vida de quem luta pela terra.

### **3. Minha vida mudou para melhor...**

Não restam dúvidas de que as condições de vida dos moradores de Escalvado melhoraram: a qualidade das moradias, da alimentação, o nível de escolaridade, as condições de higiene, o acesso a bens de consumo duráveis. Com a abertura de novos horizontes, ampliaram-se as possibilidades de contato e de relação da maioria dos moradores com o «mundo exterior». A inquietação de muitos moradores e técnicos com relação à situação atual da comunidade (uma certa desmobilização dos moradores) deve ser percebida e acolhida como positiva; sinal de que ali não se admite acomodação, que os desafios e necessidades vêm sendo percebidos, pelo menos por alguns moradores.

#### ***3.1. Novos modos de produção, outras relações de trabalho: a busca permanente do desenvolvimento***

A “figura” do patrão desapareceu. Hoje, os moradores não se encontram subjugados a um senhor de terra; todos eles têm pelo menos, uma pequena área onde cultivam. Novas relações se estabeleceram dentro do assentamento. A agricultura familiar predomina e a agricultura ecológica tem ganhado terreno.

A prática da agricultura em Escalvado tem sido um prolongamento daquela que precedeu a desapropriação, com grande diferença determinada pela saída do proprietário (patrão). Os mutirões que mobilizavam grande parte dos moradores já não são realizados com tanta freqüência. Muitas famílias cresceram, filhos casaram dando origem a novas famílias, netos e bisnetos daqueles que participaram da luta nasceram e vivem em Escalvado, em certos casos, em situações de co-habitação. O mais comum é encontrar formas de explorar coletivamente a terra envolvendo membros de um mesmo núcleo familiar. As crianças e adolescentes a partir de uma certa idade participam de tarefas na agricultura nos horários em que não estão na escola, sobretudo nos períodos de plantio e colheita. Alguns são também incentivados a vender frutos, hortaliças e legumes nos arredores de suas casas para ganharem algum trocado. Ao falarem de suas atividades nos roçados e hortas de suas famílias, crianças e adolescentes entrevistados expressaram alegria, dando a entender que é natural trabalharem e ajudarem os pais. Alguns sentem orgulho, mostrando interesse em dar continuidade àquela atividade quando adulto. Os mais velhos demonstram motivação para realizar estudos mais avançados em áreas em que possam ser úteis à comunidade (direito, medicina, agronomia, etc.). Vê-se que a cultura familiar e comunitária é ainda muito forte.

Os pais (geração na faixa etária entre 40 e 60 anos) demonstram grande preocupação com o futuro de seus filhos: a escassez da terra, as dificuldades financeiras para apoiar aqueles que querem dar continuidade aos estudos, a falta de perspectivas de trabalho nos arredores, são temas comumente abordados. À medida que os adolescentes crescem, as preocupações aumentam e as contradições ficam mais aparentes. Mesmo gostando da terra em que moram, os jovens vêem-se diante de um dilema: permanecer na localidade e buscar na agricultura meios de sobrevivência ou migrar. A migração de jovens e o desinteresse pela prática da agricultura são assim explicados por uma professora da comunidade:

*"Hoje eu vejo assim... devido às pessoas, os pais não terem [boas] condições de vida, eles - os jovens - vêem que a agricultura não dá muito dinheiro, que a agricultura daqui é para o sustento, para a sobrevivência. Ai, eles acabam se desinteressando..."*

Além destas, há evidente preocupação com o aumento da densidade populacional e com possíveis conflitos internos decorrentes do adensamento da área. As melhorias concretas nas condições de vida e de trabalho não evitaram que novas formas de exploração se desenvolvessem. Em muitos casos, elas constituem a única maneira de acesso a uma renda em espécie. Atualmente, certos trabalhadores exercem atividades, através de relações salariais, que podem ser classificadas em três tipos:

- o trabalho, sob forma de diárias ou empreitadas, pago por agricultores da própria comunidade em caso de necessidade para a semeadura ou colheita de grãos. Neste caso, o morador dispõe de renda suplementar àquela proveniente da agricultura ou comercializa parte de sua produção a preços que permitem a contratação de mão-de-obra externa à família. Esta contratação dá-se também quando os membros da família que trabalham na agricultura não conseguem assegurar todas as atividades em determinados períodos do ano.
- o trabalho, sob forma de diárias ou empreitadas, pago por pequenos, médios e grandes agricultores e pecuaristas da região durante períodos de maior necessidade de mão-de-obra;
- o trabalho em estabelecimentos industriais, comerciais ou no setor de serviços, caracterizado por ser atividade permanente, podendo ser realizado de modo informal ou através de contrato de trabalho com todos os direitos trabalhistas assegurados.

As duas primeiras formas de trabalho caracterizam-se por seu caráter sazonal e apresentam modos específicos de exploração da força de trabalho. Em geral, os valores das diárias são muito baixos, mas aceitos devido à ausência de outros meios de sobrevivência ou de acesso a uma renda em espécie, por menor que seja. Os jovens que ainda moram e trabalham com os pais aceitam mais facilmente estas formas de trabalho. Aqueles que têm maior grau de instrução têm migrado para Itapipoca, Fortaleza ou outras cidades em busca de maior formação e de

melhores remunerações. Alguns (poucos) exercem atividades na própria comunidade (professores, instrutores).

Na maioria dos casos, os jovens que migram em busca de trabalho e de outras perspectivas de vida mantêm fortes vínculos com o local, visitando periodicamente seus pais. Para mantê-los integrados à vida da comunidade, observa-se um esforço para realizar atividades coletivas e festas nos finais de semana em que maior número de jovens ali se encontram.

A desapropriação possibilitou às 40 famílias («assentadas») custeio agrícola («os benefícios») e recursos para as reformas das moradias. A chegada de recursos financeiros em um pequeno circuito de economia como o Escalvado teve grande impacto na vida das famílias. Todavia, estes financiamentos foram insuficientes mesmo para aqueles que os receberam.

O CETRA, juntamente com moradores e lideranças locais, tem envidado esforços no sentido de promover o desenvolvimento sustentável da comunidade. Muitos reconhecem que o trabalho permanente da equipe do Cetra tem tido grande importância para o desenvolvimento local. Moradores que têm participado de modo mais intenso das atividades de formação, intercâmbio e dos trabalhos comunitários testemunham o valor destas ações. Os frutos do trabalho foram observados quando das visitas de campo, nas entrevistas e conversas realizadas. Um das ações realizadas em Escalvado foi o projeto **“Capacitação para uma gestão democrática e participativa em uma perspectiva de gênero e meio ambiente”**, que contou com o apoio da Broederlijk Delen. Nas tabelas em anexo estão apresentadas as atividades realizadas em Escalvado no âmbito deste projeto. A variedade de ações, as parcerias e intervenções de *experts* nos cursos e oficinas contribuíram para o sucesso e impacto do projeto, cujos efeitos traduzem-se, em particular, na redução das queimadas e na ampliação da agricultura orgânica.

Além das atividades supracitadas, em 1999, técnicos do CETRA e representantes da comunidade de Escalvado, implementaram o FUNAGRO. Este fundo (apoiado por BD durante os anos 2000-2002) tem por objetivo financiar atividades produtivas com base na agricultura ecológica, constituindo excelente mecanismo para concretizar ações baseadas no aprendizado das fases anteriores do projeto. As principais atividades apoiadas foram:

- Implantação de hortas, pomares e farmácias vivas;
- cultivo integrado de grãos, cereais e oleaginosas (milho, feijão, gergelim, urucum e girassol);
- instalação de viveiros de mudas de plantas frutíferas, essências florestais, plantas ornamentais e medicinais;
- criação de aves e peixes.

Para o CETRA, o financiamento de projetos com recursos do FUNAGRO tem sido uma maneira efetiva de fomentar e disseminar atividades agro-ecológicas, surgidas do confronto da prática e dos saberes empíricos com novos saberes e técnicas trabalhadas nas oficinas e cursos.

O FUNAGRO (Fundo Rotativo para Atividades Agroecológicas) foi criado em 1999 com o objetivo de financiar atividades produtivas com base na agricultura ecológica. Este fundo constitui excelente mecanismo para concretizar e por em prática conhecimentos adquiridos nas fases anteriores do projeto “Capacitação para uma gestão democrática e participativa em uma perspectiva de gênero e meio ambiente” principais atividades apoiadas foram:

- Plantação de hortas e pomares
- Cultivo integrado de grãos, cereais e oleaginosas (milho, feijão e girassol)
- Instalação de viveiros de plantas frutíferas, essências florais, plantas ornamentais e medicinais
- Criação de aves e peixes

Os projetos apoiados pelo FUNAGR<sup>o</sup> representaram iniciativa relevante no sentido de oferecer condições aos participantes dos cursos para colocarem em prática os ensinamentos e conhecimentos adquiridos. A implementação desses projetos teve como efeito indireto a sensibilização de vários moradores que não participaram dos cursos (familiares, amigos, vizinhos) para a prática da agricultura ecológica. Melhorias nas condições alimentares e de vida advindas especialmente do desenvolvimento de atividades alternativas, tanto na agropecuária como no setor do artesanato, foram igualmente observadas. Estas atividades têm desempenhado a função de complementar a renda familiar, em particular, durante as entressafras (da produção do milho e do feijão e na colheita e venda da castanha).

Nota-se nos testemunhos de moradores uma preocupação com a melhoria da qualidade da alimentação e de vida. Muitos estão bastante sensíveis à questão do tratamento e do destino do lixo produzido dentro da área desapropriada. Mesmo que ainda existam áreas críticas onde dejetos são deixados expostos, muitos depoimentos ressaltam mudanças significativas na cultura dos moradores, no sentido de manter seus quintais limpos, de tratar o lixo de modo adequado, seguindo orientações recebidas em oficinas realizadas.

Desafios persistem ... A praga na lavoura é um deles ...

*"... Nós tem assim, porque pelo menos ateira, pra nós, era uma ajuda grande pra nós aqui, antigamente (...). Agora tá devorada por essa praga que aparece..."*

Sobre a questão das pragas os agricultores já tiveram a iniciativa de procurar técnicos do CETRA (Pequeno e Eugênio) para perguntar-lhes:

*"... porque que a ata tá ficando assim matizada, parte preta, parte verde pedrada? eles disseram: 'isso aqui é uma lagarta que tem na ata!!' Ai a gente quebrava, achava a lagartinha mesmo dentro. Ai eu mandei um sobrinho meu, paguei o bichim, ele trabalhou um dia e meio, pra colher todas as atas seca, todas, todas mesmo. Ai nós fizemos uma coivara ali, na minha mente nós tinha assim umas duas mil atas secas (este ano nós não comemos uma, porque a lagarta não deixou), queimei. Minha filha, pois diz, que no ano passado foi que nós não vendemos foi nada mesmo!!! No ano passado foi zero!!! Isso aí não é na ata não!!! Eu fiquei assim pensando... Estamos esperando esse ano né, mas já deu na folha, cortou, ai apareceu na folha, elas tão muito bonita..."*

O problema continua merecendo atenção especial, pois as vozes contrárias à prática da agricultura orgânica podem utilizar-se de fatos como a perda da produção por ataques de pragas para pôr em descrédito esta prática que vem se generalizando nos últimos anos. Assim, o desafio de consolidar a produção orgânica, em particular, através do desenvolvimento de técnicas apropriadas de combate às pragas que põem em risco não

*Fruta da pinheira, "fruta-do-conde", em diversas regiões do Brasil designa-se "ata", "pinha", nona (cf. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa).*



apenas as safras, mas o modo de produzir recém implantado deve ser enfrentado com lucidez e urgência.

Iniciar novas culturas, propalar benefícios da agricultura orgânica, da cultura consorciada não é suficiente. A necessidade de acompanhamento técnico é premente. Todos têm consciência dos ganhos obtidos, mas também das necessidades e desafios existentes. Reforçar a implantação de canteiros experimentais e de casas de semente, ampliar o conhecimento de técnicas de combates às pragas, buscar fontes de financiamento que permitam aos agricultores cercar suas áreas para evitar a destruição das lavouras por animais das cercanias são exemplos de ações que poderiam ser desenvolvidas. Poder-se-ia ainda implantar, localmente, pequenas empresas de beneficiamento de parte dos produtos para agregar-lhes valor e gerar trabalho.

Além do mais, ações visando sensibilizar os moradores para o consumo de frutos e hortaliças produzidas a fim de enriquecer a dieta alimentar representam ainda desafios a serem enfrentados para que todas as famílias possam ter melhores condições de vida.

A criação da **comissão gestora**, composta por representantes/as dos diversos grupos existentes na comunidade (associação de moradores, grupos de jovens e de mulheres...) representou tentativa importante de re-dinamizar o trabalho comunitário a partir de novas bases e buscar soluções aos problemas atuais. A formação desta comissão objetivava ao mesmo tempo dotar a comunidade de instrumento e espaço onde representantes dos diversos segmentos pudessem se encontrar para discutir e encaminhar questões de interesse coletivo. Pôr fim às cisões através de ações que contribuam para a reconstrução da comunidade, levando em conta especificidades, potencialidades, limites e desafios atuais, figura também como objetivo precípua desta comissão.

Não se trata aqui de realizar uma avaliação dos projetos e ações desenvolvidas em Escalvado, pois esta tarefa demandaria um trabalho mais profundo, de natureza diferente, mas buscou-se ao longo desta síntese, apontar elementos para compreender a evolução da luta, os dilemas atuais, progressos e dificuldades cotidianos. A sistematização da experiência, tendo como foco o desenvolvimento do projeto de difusão da agricultura orgânica, de novos modos de gestão, com participação especial dos diversos segmentos da comunidade representa momento singular para repensar relações sociais e institucionais para desenhar novas estratégias de desenvolvimento local sustentável.

### ***3.2. Consumir ou vender: um dilema atual e cotidiano***

Apesar dos progressos supracitados, a agricultura familiar de pequeno porte é praticada pela maioria dos moradores de Escalvado, caracterizando-se ainda hoje como atividade de subsistência.

A escassez das terras é um dos principais fatores que justificam a pequena escala da produção. A inexistência de uma política de custeio agrícola, com assistência técnica permanente por parte do INCRA representa outro fator de

entrave. Todavia existem outros aspectos a serem considerados. Elementos da cultura transmitidos de geração a geração não podem ser menosprezados: pais, avós e bisavós que vivem atualmente em Escalvado, viveram durante anos em uma situação de exploração, subjugados a um "patrão", tendo como perspectiva única a subsistência do núcleo familiar. Os jovens não vislumbram perspectiva de alcançar melhores condições de vida através do desenvolvimento de atividades agropecuárias.

Passar do cultivo voltado exclusivamente para o consumo familiar a uma produção destinada, em parte, ao mercado requer novo modo de organização da atividade agrícola e habilidades no planejamento e gestão de pequenos negócios para que os agricultores/as obtenham lucros mais significativos. Os insumos são limitados e poucos agricultores dispõem de capital de giro (mesmo que limitado). Ademais, o processo de comercialização tem se caracterizado por sua finalidade precípua de obter recursos financeiros, indispensáveis à compra de alimentos e de bens de consumo não produzidos na localidade. Assim, as condições de venda não são vantajosas: muitos «se vêem obrigados» a vender parte de suas safras ainda na fase de plantio, aceitando preços bem inferiores àqueles que poderiam ter, caso esperassem a época da colheita. Nos casos da venda de feijão e milho, parte das famílias comercializa a fração de sua produção a preços irrisórios e, tempos depois, na entressafra, compra a preços elevados no mercado local ou em Itapipoca. Como testemunha um dos moradores:

*"Não a gente não quer não, mas o jeito é vender, né, a gente tem que vender pra se remediar"*

Muitos têm consciência de que a venda antecipada da produção resulta em maus negócios. Todavia, a necessidade de assegurar outras despesas é determinante. Por vezes, situações inesperadas, como doenças, acontecimentos como casamento ou nascimento de um filho, justificam as vendas não planejadas.

Com a introdução das novas culturas (hortaliças e frutas), buscou-se exatamente atingir um certo equilíbrio da renda familiar para assegurar a segurança alimentar a todas as famílias, ao longo do ano. Com a prática da agricultura consorciada, com o desenvolvimento da horticultura e da produção orgânica, alguns agricultores conseguiram melhorias significativas em suas condições de vida, com a venda regular de produtos variados (grãos, frutas e hortaliças). O problema do escoamento da produção ainda é um fator decisivo na formação dos preços e, conseqüentemente, na renda obtida. As estradas que ligam Escalvado a Itapipoca ainda são precárias e os meios de transporte difíceis. Além do mais, nem todos os agricultores desenvolveram habilidades para planejar e negociar a venda de suas produções. Ainda são poucos os agricultores que realizam vendas planejadas e proveitosas.

No caso do grupo de mulheres, uma parte das hortaliças é vendida, possibilitando o ingresso de pequena renda em espécie, como destaca uma das mulheres:

*“... tudo que vem aqui nós experimenta. Todo dinheirinho que entra já serve né? A gente come [parte da produção] e a gente vende também né? Ai, é uma coisa que é uma verdura sadia né? porque a gente não usa veneno!!! (...). Como agora ela não tá dando muito dinheiro né? mas a gente tem ido lá, a gente vai consumindo na panela mesmo né? (...) Na época que tá dando dinheiro, a gente aproveita e apura qualquer coisa... (...) E assim, tem época que verdura tem um preço muito bom, mas tem época que também a gente não vende, mas a gente aproveita aquela época que dá dinheiro né?”*

Assim, consumir ou vender continua sendo um dilema para muitos moradores. Em épocas de grande produção de frutos, os preços caem. Os custos de colheita e de transporte não compensam a venda, pois os valores obtidos não chegam nem a cobri-los. Resultado: há grande desperdício de frutos como a acerola e a manga.

*“Como agora, que tem acerola e está se perdendo toda né? Aqui eu tenho uns poucos de pés ali na baixa, mas precisava você ver, o jeito que tava em cima de acerola é no chão né? Porque a gente não dá conta, e tem muitas pessoas aqui que têm. Mas a gente não dá nem pra vender, porque não tem nem quem queira né?”*

Outras culturas tanto de frutas como de hortaliças ainda podem ser iniciadas, diversificando a produção destinada à venda e ao consumo. A produção local já permite às famílias ter uma dieta alimentar mais rica. Apesar da sensibilização e das mudanças de hábitos provocadas pelo projeto, ainda resta muito a ser feito para que as famílias variem seus cardápios, enriquecendo a alimentação, sem comprar necessariamente produtos alimentícios. Observa-se que o consumo da maioria dos legumes e hortaliças produzidos ainda não se generalizou. Ora, mudanças na cultura alimentar se processam, em geral, em períodos mais longos. O trabalho de conscientização com relação ao valor nutritivo de produtos locais, às novas formas de preparar alimentos, através de oficinas de arte culinária, com experimentação coletiva de novas receitas poderia ser ampliado.

Conjugar esforços no sentido de diversificar a produção e o consumo e beneficiar localmente parte da produção são alternativas a explorar no sentido de maior aproveitamento tanto da terra como de seus frutos.

### **3.3. Alguns desafios permanecem, outros emergem... outros tomam novas formas**

As conquistas foram muitas: a terra foi desapropriada, a rede de eletrificação estendida à comunidade, um açude construído, as moradias, aos poucos, melhoradas, a escola funciona com bastante vigor atendendo a crianças, jovens e adultos. Mas os desafios ainda são importantes. Alguns problemas persistem. A resolução depende mais uma vez da força, da criatividade e da organização dos moradores.

### **Resolver o problema da terra: as fronteiras internas e externas (o estatuto de cada morador)**

A questão da terra (resolver o problema dos limites internos e externos) tem conseqüências diretas sobre as condições de vida das famílias. A terra foi desapropriada em 1995. Entretanto, a questão fundiária não foi resolvida, tornando-se, cada dia, mais complexa. Muitos reclamam da escassez da terra, considerando-a como fator determinante de bloqueios no desenvolvimento da comunidade ou na «melhoria das condições de vida de todos». Com efeito, a migração definitiva ou temporária de jovens e o pagamento de renda de terras nas cercanias são atribuídos à exigüidade das terras agriculturáveis.

Por certo o processo de reflorestamento, o cuidado com áreas degradadas e o desenvolvimento de uma nova cultura agrícola incentivada pelo projeto são iniciativas importantes para lidar com a escassez da terra. Mas a questão da demarcação interna e externa da área desapropriada continua sem solução. A definição dos limites externos é considerada como o principal problema por muitos moradores. Estes se sentem ainda ameaçados e têm suas plantações invadidas constantemente por animais dos arredores, além de enfrentarem processos na justiça impetrados pelos confinantes.

Quanto aos limites internos, os moradores têm resolvido de forma amigável com base nas antigas divisões herdadas de seus antepassados e nas relações familiares e de compadrio. Alguns moradores demonstram preocupação com o crescimento da população, com a indefinição da situação de “cadastrados” e “aposentados” e com a transmissão dos direitos adquiridos às futuras gerações. Mas, como defendeu um jovem da comunidade, a resolução dos dois problemas (interno e externo) depende da organização da comunidade:

*“Há duas dificuldades, né, uma de se resolver a demarcação do terreno do assentamento e outra a organização de dentro do próprio assentamento. Eu acho que a mais difícil, assim, de se resolver é a lá de fora, tem que resolver primeiro aqui dentro, pra se organizar, para poder resolver a lá de fora”*

A desmobilização dos moradores representa sem dúvida grande desafio a enfrentar. Este desafio requer abertura para encarar problemas que vêm provocando tal desmobilização, para rever as formas de organização existentes e, eventualmente, construir novas estruturas de participação que contribuam para resgatar o papel ativo de todos, respeitando a diversidade e as particularidades.

Em um contexto em que a esquerda assume o governo do país e, por conseguinte, a direção de órgãos tais como o INCRA e o IBAMA, novas condições para negociar a resolução do problema da terra estão postas. Espera-se que esta oportunidade singular seja aproveitada não apenas pelos moradores de Escalvado, mas de outros assentamentos e áreas de reforma agrária com problemas similares, onde o INCRA intervém.

### **Equilibrar a renda familiar ao longo do ano e evitar a evasão da juventude**

Para dar um salto na qualidade de vida das famílias faz-se necessário investir em diferentes aspectos ligados à produção e comercialização do que é produzido e implementar estratégias específicas de trabalho para jovens e mulheres.

Incrementar a produção não é suficiente. Hoje, a necessidade de planejar tanto a produção quanto a comercialização é premente. Dentre as atividades de planejamento e gestão destacam-se vários aspectos:

- assegurar acompanhamento técnico sistemático da produção orgânica, com destaque para a questão das “pragas” e dos modos ecologicamente corretos para combatê-las;
- instalar estruturas de beneficiamento local de frutas e legumes, de produção de compotas e conservas, a fim de agregar valor aos produtos;
- investir em cooperativas de crédito visando sistemas mais ágeis de empréstimo aos pequenos produtores.

Além destas estratégias, há necessidade de capacitação de jovens e lideranças locais para a elaboração e avaliação de projetos, para desempenharem funções de multiplicadores e de gestores de pequenos negócios. Apostando no avanço da produção, na melhoria da renda das famílias e na ampliação das possibilidades de trabalho se pode reduzir o fluxo de jovens que abandonam a agricultura e a terra ou que perdem o interesse pelas atividades agropecuárias.

### **Inserir a juventude no mundo do trabalho e incentivar os jovens a exercer o papel no seio da comunidade**

A inserção de jovens no mundo do trabalho não supõe que os mesmos migrem necessariamente para as cidades. Apesar das limitações acima analisadas, a riqueza de Escalvado deixa ainda possibilidades concretas de exploração racional da terra com bases nos princípios da agro-ecologia, em pleno desenvolvimento na comunidade.

A demanda crescente por educação formal de crianças, jovens e adultos, assim como as necessidades de formação e capacitação profissional representam campos de trabalho a serem mais bem explorados. Boa parte dos professores da escola e de instrutores ainda vem de outras localidades, enfrentando problemas de deslocamento que poderiam ser minimizados caso os professores fossem da própria comunidade:

*“...têm dois, três, quatro professores que vêm de Itapipoca. Tem o carro, tem a topik que vem, deixa até ali em São Gonçalo [localidade vizinha], até onde passa a rota do calçamento. Ai, de lá pra cá, a prefeitura paga outro transporte pra vir deixar até aqui... Todo dia, todo dia eles estão aqui na Escola fazendo isso. E não tem assim, não tem a maioria dos professores*

*daqui mesmo, devido as pessoas não terem se capacitado, se formado pra isso..."*

Qualificar melhor a mão-de-obra local para responder a estas demandas pode representar economia para o poder público além de ampliar as possibilidades de trabalho na localidade.

A estrutura de que dispõe a escola ainda é precária (falta biblioteca, fontes de pesquisa, as salas são superlotadas, algumas classes funcionam em salas emprestadas da associação, etc). Mas a vontade de estudar da maioria dos habitantes de Escalvado (crianças, jovens e adultos), de aprender, de experimentar, de trocar experiências, de conhecer novas culturas representa motivo de grande importância para impulsionar novas atividades nestes campos.

Com relação à educação, constata-se a necessidade de ampliação da oferta de ensino na própria comunidade para evitar evasão motivada pela distância que os alunos têm que percorrer à noite para freqüentar escolas da vizinhança. Facilitar o deslocamento daqueles que vão cursar o ensino superior ou realizar formações técnicas em Itapipoca representa importante estratégia para contribuir com a formação e capacitação dos jovens.

As atividades de formação e de capacitação promovidas pelo projeto desenvolvido pelo CETRA trouxeram benefícios não somente para os agricultores, mas para jovens e professores que tiveram a oportunidade de participar de cursos e oficinas, que enriqueceram suas atividades profissionais e proporcionaram mudanças em suas vidas, como relata uma professora:

*"Por exemplo, o curso de agro-ecologia, a questão da preservação do meio ambiente, já pude estar repassando para os meus alunos, a questão de preservar o meio ambiente, a questão do gênero, já trabalhei em sala de aula. Pra mim foi um benefício muito grande porque eu podia ir colocando em prática com os meus alunos... quase todos os cursos, de que participei, foram muito valiosos devido a isso né? O próprio conteúdo [foi importante] para mim..."*

A participação dos jovens na vida da comunidade foi determinante ao longo da história de Escalvado. Vale lembrar que foram os jovens que iniciaram as mobilizações e a luta pela reforma agrária. São os jovens que organizam a maioria das manifestações sociais e culturais na comunidade, apesar dos "altos e baixos" do movimento. As quadrilhas, a coroação, dentre outras atividades "tudo isso quem faz são os jovens, por exemplo, todo ano", como relembra uma jovem professora de Escalvado.

As relações entre gênero e entre gerações poderiam ser também discutidas, na perspectiva de reforçar os laços sociais e de criar espaços e formas novas de participação e cooperação.

### **Construir novas relações de parceria**

Novas parcerias para a realização de outros projetos poderiam ser construídas. Dentro da perspectiva de mudança na natureza das relações do CETRA com os moradores de antigas áreas de assentamento onde atuam há

mais de 15 anos, necessita-se prever e organizar bem a fase de transição, investindo na capacidade de gestão e de negociação, em especial de lideranças jovens.

Atividades de eco-turismo e de turismo educativo (instalação de infra-estrutura para acolhimento de visitantes e para aulas de campo, preparação de trilhas, capacitação de jovens guias) podem abrir possibilidades de parcerias e intercâmbios interessantes, notadamente com instituições de ensino. Para concretizar tais ações, a comunidade precisa ainda de apoio, mediação e acompanhamento técnico do CETRA.

Novas parcerias poderiam ser também realizadas na área da educação. A demanda local justifica a expansão da rede de ensino, tanto nas classes do ensino fundamental quanto nos cursos de alfabetização de jovens adultos.

O crescimento da Rede Cearense de Sócio-Economia Solidária (RCSES) e as oportunidades que vêm se abrindo nesse campo não devem ser desperdiçadas. Pontes entre produtores rurais de várias localidades e entre estes e produtores e consumidores de zonas urbanas poderiam ser construídas.

### **Desenvolvimento comunitário com melhorias das condições de vida**

Durante o processo de mobilização e luta, as assembléias comunitárias, as caminhadas e manifestações coletivas em Itapipoca e as reuniões de lideranças foram as principais modalidades de organização. Após o processo de assentamento, novas estruturas organizativas surgiram: associação de moradores, grupos de mulheres e de jovens e por fim, a comissão gestora. Formas coletivas de produção e ajuda mútua foram experimentadas. Hoje, o contexto é bem diferente, bem como o modo de produção e a estrutura social. Os núcleos familiares têm passado por transformações importantes: jovens e mulheres exercem uma gama cada vez maior de atividades.

Conhecer mais profundamente a estrutura social, as relações familiares e de vizinhança e como elas têm se adaptado às novas modalidades de produção parece um dos caminhos para construir novas estratégias de **desenvolvimento local** que resultem em relações de respeito ao meio ambiente e de colaboração entre os moradores. Refletir sobre desenvolvimento local supõe pensar e entender as diversas dimensões do território, suas inter-relações com territórios mais amplos nos quais o assentamento está circunscrito; supõe também analisar e entender o papel dos diversos atores em ação nestes territórios e suas relações.

A construção de tal estratégia requer abertura por parte de todos para enfrentar os problemas e dificuldades identificadas de forma coletiva, respeitando as novas formas de organização interna da comunidade.

#### **4. Inovações no processo produtivo e de formação, novas relações com o meio ambiente.**

Com o fim da dominação e da submissão ao patrão, novos relacionamentos foram sendo forjados durante a luta e depois da desapropriação das terras. Sinais de mudanças concretas ocorridas nas relações sociais, nas formas de produção, mas também contradições que ainda permanecem, podem ser observadas no convívio com moradores de Escalvado. A sensibilidade de muitos moradores face à preservação do meio ambiente, não impede, por exemplo, que dejetos de difícil decomposição, como plásticos, sejam jogados a esmo. O momento parece propício para aprofundar a reflexão com o conjunto dos moradores, incluindo adolescentes e jovens, sobre “que assentamento” e “que comunidade” pretendem construir e deixar para as futuras gerações. Esta reflexão requer debate sobre as relações sociais na comunidade e sobre as relações com o meio ambiente: dois lados da mesma moeda.

##### **4.1. Uma nova relação com o meio ambiente**

A construção de relações de respeito ao meio ambiente demanda esforços para, inicialmente, respeitar a si próprio, o outro e, por extensão, todos os elementos que compõem o meio ambiente do qual o homem é parte. Essas construções resultam de processos longos e inacabados, dadas as constantes transformações, mas que se destacam por serem processos gratificantes.

##### **O desenvolvimento da agricultura ecológica e de novas técnicas agrícolas**

A introdução da agricultura orgânica em Escalvado deu-se progressivamente, tendo se pautado sempre no “amor” que seus moradores têm pela terra. Ainda é muito cedo para que todos os frutos desse processo sejam identificados: mudanças culturais, novas relações com o meio ambiente, maior conscientização da população, melhores níveis de educação formal, recuperação de antigas áreas degradadas pela forma predatória de utilização. Atualmente, muitos moradores já estão conscientes de que a agricultura orgânica representa uma alternativa viável e saudável, que não degrada o meio ambiente. Os depoimentos são variados sobre as mudanças na prática da agricultura. A defesa da agricultura orgânica é unânime e é motivo de orgulho de todos, como atesta uma moradora que participou dos cursos:

*“Tem muita parte que foi boa, só essa parte da gente aprender que a gente usar veneno nas plantas, já faz mal a saúde né? Essa parte é assim, muito importante pra gente, a gente aprende, assim, plantar né? também, porque tem muitas coisas que a gente não sabia plantar... Agora a gente já sabe da forma mais correta... Agora a gente já planta da forma mais correta do jeito que é pra ser né?”*

Em alguns casos, há consciência de que a agricultura orgânica permite níveis de produção que assegurem a sobrevivência da família:



*“... Só com o orgânico mesmo a gente planta e dá pra sobreviver sem precisar do veneno...”*

Outros depoimentos chamam a atenção para os efeitos nefastos da utilização de substâncias químicas, de agrotóxicos a médio e longo prazos:

*“É, e aquilo ali [o agrotóxico] assim ele acaba com a substância da terra né? Que aquilo ali, enquanto tem ele, assim, aquele adubo mesmo que a gente bota na terra, a planta fica bonita depois que passa, não produz nada, vai acabando com a terra, ela não dá mais...”*

É gratificante constatar que os conhecimentos aprendidos e experimentados durante os cursos foram postos em prática e vêm influenciando moradores que não puderam participar dos mesmos: outras mulheres aprenderam a fazer o adubo orgânico, com aquelas que já sabiam. Como testemunha uma mulher da horta coletiva:

*“Já tem muitas pessoas que aprenderam com a gente.... Produção orgânica também. Aqui no assentamento a gente não vê falar ninguém que use agrotóxico, usa só o adubo orgânico, que a gente usa”*

Mulheres discutem e influenciam os modos de trabalho dos maridos; vizinhos observando os resultados da agricultura orgânica e do plantio consorciado mudam pouco a pouco suas práticas; crianças, adolescentes e jovens despertam interesse pela agricultura orgânica e pela preservação do meio ambiente.

### **Cuidar da terra: reflorestar e preservar**

As novas práticas agrícolas traduzem-se em novas posturas frente à terra, com impactos positivos observados, em particular, após a realização dos cursos, como ressalta um líder local:

*“... Nós tivemos um planejamento, ou seja um curso de agro-ecologia. O que foi que nós conversamos? é que nós moramos numa área muito degradada e além de degradada tem várias plantas com as suas defesas, espinho feio, espinho grande, aí nós criamos uma forma de diminuir 50% das queimadas. Nós tamos diminuindo; até mais, tamos fazendo tudo é pra deixar em 25 ou menos. Por que? Porque no passado eu brocava essa mata, por exemplo, no outro já brocava outra, no outro ano outra e ia só passando, só passando. Hoje não, nós estamos com outro esquema, 50% eu deixo pra trabalhar numa terra como essa em segundo ano (chama-se segundo ano, é capoeira, né, segundo ano). Eu tiro o*

*milho, tiro o feijão aí a queimada fica menos, porque nós vamos diminuindo”*

*Em visita aos roçados e hortas pode-se constatar o nível de assimilação dos conteúdos trabalhados através dos novos modos de trabalhar e das alternativas adotadas para evitar queimadas:*

*“A outra alternativa, e essa é a positiva, é você botar fruticultura dentro, que ela não precisa mais queimar de jeito nenhum porque eu não vou queimar meu cajueiro e nem minha mangueira, é o que der de eu aproveitar, planta um pé de milho, planta uma coisa qualquer. Porque você vê, aqui tem o feijó, bem ali tem uma catingueira, bem ali tem um marmeleiro, bem ali tem um cajueiro, aqui tem acerola, bem acolá tem uma ateira, e aí vai, bem acolá tem um juazeiro, bem acolá tem um feijó, bem acolá tem uma pitombeira e assim é uma forma de um trabalho que a gente tem, isso já vem com uns dez anos ou mais, com dez anos ou mais de trabalho. E foi o que eu lhe falei, nós tamos querendo que a terra... que o solo tenha um descanso, de tanta queimada, né, que ele não seja mais queimado como era antigamente”*

Os resultados imediatos da produção tradicional (com queimadas e agrotóxicos) são contrapostos aos resultados alcançados a médio e longo prazo com a agricultura orgânica:

*“ [Com as queimadas] a terra produz rápido porque ela se sente obrigada. Mas no solo que é exatamente o que nós chama de “roxo”, que bate com a foice, que é do jeito daquele ali, que já tá batido, que é pra apodrecer dentro [produzindo adubo orgânico], então a primeira planta não tem tanto avanço, a segunda é melhor e a terceira é a boa. É interessante, na terra queimada, a boa é a primeira e a segunda é a pior; aí não dá mais nada. Aí não dá mais nada, depois de queimada é o fim...”*

As áreas reflorestadas e de re-plantio de árvores em extinção dentro dos próprios roçados são mostradas com alegria pelos agricultores. As visitas tornam-se verdadeiras aulas de campo.

#### **4.2. Toda pessoa tem conhecimentos e saberes, mas todo dia se aprende algo novo**

Novos saberes emergem da confrontação de opiniões e de idéias. Moradores, técnicos e visitantes saem transformados dos cursos, oficinas, encontros, visitas e conversas. O espírito de abertura enriquece esse convívio.

**As primeiras lições debaixo das mangueiras e dos cajueiros: aprender em contato direto com a realidade e com a natureza.**

Apesar de sua capacidade não corresponder às necessidades dos moradores (crianças, jovens e adultos), a escola é um elemento central na vida da comunidade representando grande conquista para crianças, jovens e adultos que se mostram sempre motivados a aprender. Os próprios meninos contam que estudavam debaixo do cajueiro, debaixo da mangueira. Quando assumiu a Secretaria de Educação, a atual Diretora Presidente do CETRA não pôde ignorar a situação da população de Escalvado:

*“... aquela escola [de Escalvado] eu não tinha condições de não insistir nela, porque eu vi 200 crianças estudando naquele salão que você conheceu e eu vi também uma sala de aula debaixo da mangueira”*

Na época em que os militantes católicos e moradores iniciaram as atividades de educação de base com o MEB, na comunidade não havia escola. Dona Dadá, uma das primeiras professoras da comunidade ensinava em casa, tendo começado a ensinar alguns alunos. Depois, a mesma foi contratada pela prefeitura. Ainda hoje as salas de aula são insuficientes para atender toda a demanda.

Ao mesmo tempo, percebe-se grande interesse em estudar, tanto de crianças e jovens quanto de adultos. Os cursos e oficinas têm despertado ainda mais o interesse pela educação formal. As taxas de analfabetismo têm reduzido; muitos jovens e adultos freqüentam os cursos noturnos. O contato com a natureza, o aprendizado a partir da realidade e a valorização do saber empírico despertaram o interesse pelo saber formal.

### **Escola para todos: uma nova etapa na ampliação dos conhecimentos e na consolidação dos saberes**

É sabido que a escola é para todos, mas nem todos se sentem aptos e disponíveis para seguir regularmente os cursos. A adaptação do ritmo da produção e do trabalho, determinado pela evolução climática ao longo do ano, ao calendário escolar constitui um fator a rever o mais breve possível. O calendário da comunidade segue o do município que, por sua vez obedece ao do estado. Esta é a principal justificativa para a manutenção de um calendário escolar incompatível com o ritmo da vida de quem trabalha na agricultura.

Crianças e adultos sentem-se prejudicados em determinadas épocas do ano, quando são obrigados a cumprir carga horária escolar e, ao mesmo tempo, assegurar árduas tarefas nos roçados. A maioria das crianças a partir de 8, 10 anos já trabalha de alguma forma, já ajuda os pais. Os adultos que passam o dia na roça e de noite vão para aula encontram-se exaustos, ficando muitas vezes desatentos ou adormecendo.

“Eu aprendi a confiar nas pessoas. Que as pessoas, os adultos só não sabem ler a letra, a palavra, codificar, mas eles têm um saber muito grande. Foi uma das lições que aprendi, que realmente me ajuda muito como educadora. Esse saber popular, original, que as pessoas têm, o chamado saber não formal que a pessoa tem.... *[deve ser*

*reconhecido*]. Eu não quero dizer com isso que eu também não fiz um esforço enorme para levar [*partilhar*] essa reflexão, porque há algumas pessoas que pensam que a educação formal pode atrapalhar o processo de organização, de compreensão das pessoas. Às vezes as pessoas têm uma compreensão política muito grande, ampla, porque a organização vai exigindo isso. E às vezes ela não sente falta do saber formal. Eu compreendo que o saber formal, em um processo desses, é uma necessidade (...). Eu aprendi a acreditar que um processo de educação muda a concepção das pessoas, né? Está muito claro pra mim que não só o saber, que tem um valor muito grande, o saber informal das pessoas. Mas, existe uma necessidade muito grande do saber formal para que as pessoas possam crescer mais...”.

Alguns problemas têm limitado a adesão e o progresso, em particular de adultos, na educação formal. Deficiências visuais são relatadas, sobretudo, como fatores que têm comprometido a capacidade e disponibilidade para as atividades escolares. A dificuldade de acesso a oftalmologistas e à compra de óculos é sentida por muitos moradores.

A pobreza do material didático e de pesquisa é também ressaltada por professores e alunos. Estes sonham com computadores e com acesso à Internet, uma vez que tais tecnologias já podem ser acessadas na própria comunidade, faltando-lhes apenas os materiais; programas e instalações necessárias.

Os fatores que dificultam ou empobrecem as atividades escolares não impedem o florescimento do amor ao saber, nem inibem os sonhos, a criatividade, a vontade de ir além e a capacidade de projetarem um futuro diferente. Essa energia existente na comunidade não deve ser desperdiçada.

#### **4.3. Uma metodologia baseada no papel ativo dos alunos: saberes existentes fundamentam a construção de novos saberes**

A força do trabalho educacional, de capacitação e conscientização, tem suas bases em atividades e relações que foram construídas entre moradores e assessores ao longo dos anos de luta pela terra e por melhores condições de vida. O MEB, os cursos de alfabetização de adultos baseados no método de Paulo Freire, o Movimento Dia do Senhor, o modo de assessoria da CAPT, que preservava a autonomia e reforçava a criatividade e consciência crítica dos moradores, contribuíram certamente para a construção de metodologias de ensino e de capacitação baseadas no papel de sujeito dos educandos e formandos. O trabalho realizado pela equipe do CETRA em Escalvado é o prolongamento e aperfeiçoamento dos métodos utilizados por seus membros ao longo da história de luta pela terra desde o início.

#### **Aperfeiçoar conhecimentos e despertar a vontade de experimentar e testar: um exercício concreto e real**

A iniciativa de diversificar a produção reforçada pelo trabalho do CETRA, que vem proporcionando o desenvolvimento de novas culturas, o reflorestamento de algumas áreas e o re-plantio de plantas nativas em vias de

Os cursos, seminários, oficinas de capacitação e visitas de intercâmbios têm se constituído excelentes mecanismos de capacitação, aprendizagem consolidação e valorização de saberes, tendo sido observados efeitos indiretos nos moradores que não participam diretamente destas atividades, Estes são informados sobre os conteúdos trabalhados através dos participantes em conversas informais, reuniões e através de observações diretas das mudanças na prática da agricultura e nos cuidados com os terreiros de suas casas. Ressalta-se todavia, a necessidade de maior discussão sobre os novos conhecimentos repassados e criar mecanismos para difusão dos conteúdos trabalhados visando sociabilizar o conhecimento repassado e de criar o e criar novos mecanismos para repasse e difusão dos conteúdos trabalhados, visando sociabilizar conhecimentos adquiridos, questionar “mitos” e práticas destruidoras do meio ambiente perpetuadas nas culturais locais.

extinção. Quando o CETRA propôs este projeto de capacitação já existia um terreno propício. Já havia interesse por parte de alguns moradores em diversificar mais a produção, já havia abertura para essa diversidade. Como ressalta a atual Diretora Presidente do CETRA: **“é uma necessidade surgida deles, o que é uma riqueza, porque significa utilizar bem a terra”**. Essa abertura casa-se muito bem com a metodologia adotada que se baseia na aplicação e experimentação do que foi repassado nas oficinas de capacitação.

Os projetos mais recentes na área da agroecologia, de desenvolvimento sustentável e de gestão participativa com equidade de gênero inserem-se em um contexto onde existe consciência de que o aprendizado é mútuo (alunos, professores, instrutores, técnicos, moradores); de que moradores jovens e mais velhos dispõem de saberes acumulados que são reforçados, estimulados, ampliados. Assim, nos relatos, constata-se que a metodologia adotada tanto na escola, quanto nos cursos técnicos e nas oficinas, têm reforçado a autonomia e capacidade de iniciativa dos moradores.

Quando o CETRA propôs esse projeto com o objetivo de desenvolver práticas e experiências de produção agroecológicas, experimentar culturas orgânicas e promover o reflorestamento das áreas degradadas já havia um terreno fértil para que o mesmo desse frutos. Estes temas surgem do trabalho, do contato com os moradores da área. Alguns moradores já demonstravam interesse, estavam sensibilizados para trabalhar com estas questões.

*“Eu percebo que os cursos têm dado essa contribuição: capacitar as pessoas, ampliar esse público que vai atuando na comunidade, entendeu? E também eu percebo que o curso ajuda a manter vivo aquele processo de organização e também vai mudando a mentalidade. Uma decisão dessas, de todo mundo, decidir de repente estudar, é uma decisão política muito importante para um assentamento... e ele tem que ter sido motivado. Eu considero que os cursos também serviram ou estão servindo para motivar as pessoas, porque como é um curso, de repente o Sebastião pode ter sentido a necessidade de estudar, de ter conhecimento formal, da educação formal. Porque a própria experiência de fazer os cursos e oficinas foi exigindo isso”*

Deste modo, se estabelece um círculo virtuoso em que os cursos e oficinas promovidos pelo CETRA suscitam nos moradores a vontade de estudar – na escola formal – e os estudos os tornam mais críticos, questionadores e aptos a experimentar e a querer ir além. Destas trocas, uns e outros (técnicos e moradores) saem renovados. Além deste aprendizado, outros tipos de necessidade surgem da confrontação de saberes e de práticas, como segue testemunhando a atual Diretora Presidente do CETRA:

*“... a própria consciência, a compreensão de sociedade que a gente passa a ter através dos trabalhos dos grupos. Não é uma reflexão sociológica minha, não é apenas acadêmica. Ela é respaldada por uma prática que eu vivi. Mas também eu cresci porque eu*

*tenho a vida muito ativa, então eu sempre fui muito de ação, não é? E hoje, por exemplo, o momento em que eu mais senti necessidade de aprofundar os meus referenciais teóricos, foi no momento em que eu estava executando uma política educacional, entendeu? Aí de fato é o que eu estou fazendo hoje: voltando e me aperfeiçoando (...) **eu redescobri a necessidade de ler mais, de me aprofundar, de ampliar mais o meu conhecimento teórico, de ler mais a minha prática à luz da teoria.** E acho muito rico, um processo de organização. Eu me sinto bem, eu não gostaria de abandonar. Eu estou no CETRA por isso, eu estou no CETRA porque eu quero um espaço onde eu possa contribuir para o processo de organização das pessoas, onde eu possa ver o mundo não só técnico..."*

Os cursos vieram reforçar capacidades em desenvolvimento, além de contribuir para questionar as relações de gênero. As próprias mulheres consideram que durante os cursos, a relação entre homens e mulheres foi boa, que houve respeito e aceitação mútua, que a presença feminina não causou estranhamento, mesmo em se tratando de cursos técnicos na área agrícola. Hoje, em Escalvado o conhecimento técnico sobre agricultura orgânica pelas mulheres que fizeram os cursos é respeitado tanto por suas companheiras que se tornaram aprendizes de novas práticas quanto pelos homens, maridos e companheiros. Por exemplo, ninguém diz mais "ah! a mulher não entende disso". Entende sim e até orienta os maridos!

Uma das mulheres que participou das atividades do projeto relembra que:

*"... esse respeito a gente teve desde o começo da luta da terra, sempre as mulheres respeitavam os homens e ainda respeitam, e os homens respeitam as mulheres. Em Escalvado, mulher também entende de agricultura, também conhece... Nos cursos a gente aprende muito né? E mesmo depois dos cursos, às vezes na conversa, a gente fica discutindo, a gente vai aprendendo..."*

Indagada sobre os métodos utilizados na capacitação, esta senhora ressaltou a importância das conversas informais para esclarecer as dúvidas "**a gente já aprende mais também com aquela outra pessoa que participou, porque às vezes no curso, nem todas as palavras a gente entende bem...**". O essencial é que os debates e experimentações extrapolam o espaço da capacitação. Entretanto, vale lembrar, que em alguns casos há necessidade de assessoria técnica especializada quando o problema não pode ser resolvido pelos próprios moradores, como no caso de algumas recidivas de pragas.

Os depoimentos atestam a busca da autonomia, exercitada como um dos objetivos da metodologia de

trabalho adotada. As de atividades de intercâmbios fazem também parte desta metodologia e visam concretamente esta autonomia. A importância destas atividades é sempre ressaltada. Alguns moradores reconhecem que: “... **hoje nós somos uma família, nós somos uma grande família...**”, referindo-se aos assentamentos da região de Itapipoca, Amontada e Trairi, que constituem geograficamente uma unidade, apesar da diversidade de clima, de vegetação, de modo de vida e cultura que existe considerando-se os quatro assentamentos; diversidade, aliás, representativa da realidade cearense. Esta diversidade (sertão, litoral e zona serrana) chama a atenção, representando grande potencial a ser explorado. A importância desses intercâmbios foi citada por jovens e adultos que deles participaram. Um morador falou da ampliação da comunidade:

*“Nós era uma comunidade aqui, agora nós somos uma comunidade bem maior”.*

Concretamente, a consciência de pertencer a uma comunidade mais ampla, composta por moradores dos quatro assentamentos é também a consciência da força – MAIOR - para negociar, para experimentar, para buscar alternativas para uma vida melhor. Percebe-se que estes intercâmbios e estágios tanto propiciaram auto-estima, valorização do potencial individual e coletivo e reconhecimento como a abertura de horizontes, de diferentes níveis e de diferentes modos.

#### **A descoberta da agro-ecologia a partir de um método dialógico e teórico-prático**

Os participantes dos cursos sentiram que seu saber foi reconhecido. Quando falam que realizaram cursos de “aperfeiçoamento”, de “especialização”, nota-se o orgulho e a importância atribuída ao saber acumulado e à valorização deste saber pelos instrutores, técnicos e professores. Esta valorização afeta positivamente a auto-estima, a auto-confiança, suscitando nos agricultores e agricultoras curiosidade, inquietação, vontade de experimentar, de buscar alternativas para suas práticas agrícolas.

O grande mérito da metodologia utilizada tanto na escola dos adultos, quanto no trabalho de formação e capacitação é ter valorizado os saberes, ter suscitado interesse tanto pelos conhecimentos técnicos quanto pela experimentação. A metodologia de trabalho, baseada na compreensão de que o “aluno” é o sujeito do processo de aprendizagem, de que todas as agricultoras e agricultores mobilizados para participar dos cursos têm um saber, tem se mostrado fundamental no desenvolvimento da agricultura ecológica em Escalvado.

*“Outra coisa também diferente: **eles têm iniciativa**. Eles têm pouca terra, muita gente, em excesso, mas têm muita iniciativa de utilizar bem aquela pouca terra de que dispõem. Outra coisa é a diversificação da produção. Você verifica no Escalvado, a pouca terra que tem, realmente chama atenção. Mas, quando a terra foi desapropriada eles fizeram até cachaça no assentamento, ou seja, eles cuidaram do milho, do feijão, das frutas, das verduras*

*e da cana (...). O que me chamou atenção não foi o fato de ter a cachaça, pois eles têm uma regra que eles nem usam isso no assentamento, mas a iniciativa de produzir tudo que a terra dá. Entendeu? Essa terra é capaz de produzir..."*

Eles são grandes professores, apesar de ainda não estarem nas escolas. Um dia poderão também dar aula, poderão ser convidados para debater sobre questões relacionadas com a prática da agroecologia.

Mas foram necessários anos de trabalho, de reflexão para que uma análise mais crítica, mais clara da realidade dos assentamentos, da complexidade cultural que pode existir em um único município, para fazer emergir novas práticas profissionais que possam incidir sobre as políticas e as ações de agentes externos na comunidade:

*"... Eu vejo uma diferença de comportamento entre o pessoal que mora na serra e o pessoal que mora na praia. Eu, por exemplo, se tivesse oportunidade de ser secretária de educação pela segunda vez do município de Itapipoca, eu não aplicaria o mesmo método [nas escolas de todas as localidades]. Eu teria hoje obrigação de implantar políticas diferenciadas para cada região porque existe uma diferença [cultural] muito grande entre a praia, a serra e o sertão..."*

Em seu canteiro de experimentação, um dos participantes dos cursos tem, por exemplo, todas as variedades de pimentão. Começou com uma e agora ele já está com cinco ou seis variedades de pimentão, além de estar produzindo mudas. Outro aspecto que chama a atenção é a consciência que demonstra ter de que os cursos serviram para aperfeiçoar conhecimentos que eles já tinham.

Ele diz: **"...esse curso foi de especialização"**. Ele deixa claro que eles já sabiam, já dispunham de um saber vindo da prática e de outras atividades de capacitação. Esta mesma compreensão é identificada no depoimento de outro morador, quando ele se refere à escola: **"... o que eu estou gostando mais da escola é porque não é mais assim aquele sabe, aquele não sabe, todo mundo sabe"**.

A abertura de horizontes, o crescimento e amadurecimento de todos, na luta, na faina cotidiana, mas também nas atividades lúdicas e de intercâmbio têm relevância no processo de resgate da autonomia por parte dos moradores. Um morador da comunidade, relembrando uma visita organizada pelo CETRA ao assentamento de Maceió, expressou-se deste modo: **"foi a primeira vez que eu vi o mar..."**. E era patente no seu olhar a importância daquela descoberta. Aquela paisagem ficou gravada em sua mente. Assim, descobrir que existem outras realidades, outras possibilidades para além daquela realidade imediatamente próxima na qual se vive constituiu aspecto relevante nesse processo. Além da abertura de horizontes, da consciência dos direitos e do papel de sujeito da história.

Uma senhora assim afirmou **"ah, no começo a gente não sabia nem sair daqui... Aí com essas andanças hoje a gente vai até a Roma se for preciso..."**. Como é possível sair dali, apesar de todas as dificuldades de subir a



serra... (subtende-se que muitas outras coisas podem ser realizadas...) é possível chegar a outros lugares.

#### **4.4. Novos experts em agroecologia**

Durante uma hora em que realizamos visitas às áreas de cultivo de um dos moradores, aprendemos mais do que em meses de cursos em sala de aula. Em Escalvado, existem hoje verdadeiros “*experts* populares”, homens e mulheres com grau de escolaridade formal relativamente baixo, mas com alto nível de conhecimento, com experiências de vida que os colocam em uma situação de destaque. Não considerar esta capacidade, tanto para reforçá-la, valorizá-la, quanto para colocá-la a serviço da capacitação de outros agricultores, representaria grande desperdício.

De modo totalmente voluntário e informal estes “*experts*” vêm atuando na comunidade como multiplicadores e defensores de uma nova cultura em que o homem, sentindo-se parte integrante do ambiente em que habita, vive retirando da natureza seus meios de sobrevivência e de vida, sem destruí-la, sem causar danos aos seus ecossistemas.

Como afirma com convicção uma agricultora que participou dos cursos e oficinas:

*“... aqui no assentamento a gente não vê falar ninguém que use agrotóxico, usa só o adubo orgânico... que a gente usa!”.*

Outra característica interessante de muitos moradores de Escalvado que merece destaque é “a fome de saber”, o espírito de curiosidade, a liberdade para recriar, reinventar a partir das noções e dos experimentos realizados nos cursos, nas oficinas e na própria vida e luta cotidiana. Certamente, a metodologia adotada pelo CETRA ao longo de vários anos de trabalho e, em particular, nas oficinas, cursos e atividades práticas, objetivando o desenvolvimento da agricultura orgânica, tem contribuído para que os moradores e moradoras desta comunidade cultivem este espírito. Para se ter uma idéia, muitos experimentos são hoje realizados nos roçados e as salas de alfabetização de jovens e adultos estão repletas todos as noites. Poderia se dizer à luz dos ensinamentos de Rubem Alves, para quem “só aprende quem tem fome”, que, em Escalvado, a fome do saber tem sido fator determinante para saciar a fome de alimentos.

Um aspecto que desperta a atenção é a liberdade e autonomia vivenciada na prática da agricultura: muitos são conscientes e sabem que os cursos vieram aperfeiçoar conhecimentos e saberes e que, ao longo do tempo, eles podem testar, experimentar, fazer de formas variadas “canteiros” ou “compostos orgânicos”, por exemplo. Depois, se discute para ver se deu certo daquele jeito ou de outro. Então, eles seguem testando... Este é um sinal de coragem e de ousadia: na agricultura, como na vida: eu vou experimentar, se não der certo eu vou tirar a lição e vou fazer diferente.

### **Possibilidades de prosseguimento da ação iniciada**

O CETRA vem passando por um processo de re-direcionamento do seu trabalho. Em determinados momentos, teve um leque amplo e diversificado de ações. A partir da elaboração do PDI (Projeto de Desenvolvimento Institucional), a entidade redimensionou e redefiniu seu campo de atuação.

Na atual conjuntura, não existe mais demandas que justifiquem um trabalho específico de assessoria jurídica por parte dos técnicos do CETRA. Foi necessário ousar tomar uma decisão política com repercussões concretas no trabalho da entidade. Novas problemáticas e possibilidades de ação têm surgido: a questão ambiental, as práticas de sócio-economia solidária, o desenvolvimento sustentável.

Estas temáticas demandam um esforço renovado:

*"... eu percebo que um dos grandes desafios que o CETRA tem hoje, nesse processo de redimensionamento do seu trabalho... primeiro precisa ter como prioridade a capacitação da sua equipe técnica, nos campos específicos da área de atuação, seja na economia solidária, seja na educação ambiental, seja na questão de desenvolvimento sustentável ligado à agricultura. Eu acho que nós estamos com a equipe nova e nós precisamos priorizar a capacitação técnica (...) para que a gente possa ter um domínio de conhecimento maior nessas áreas. Até porque algumas temáticas, a temática por exemplo, da sócio-economia solidária é uma temática nova no Brasil, precisa que de fato e o CETRA faça um esforço..."*

Quanto às formas de organização e a melhoria das condições de vida, existe grande ânimo na equipe que planeja iniciar novo ciclo de trabalho na comunidade:

*"Outro desafio que eu vejo – e aí vai para a questão do campo mesmo - é um investimento no processo de organização do assentamento, mas um investimento que permita que as pessoas, que as famílias alterem a sua qualidade de vida, entendeu? Num assentamento não se pode permitir que uma família continue pobre. Então assim, o desafio é assessorar os grupos nessa direção, de que o assentamento possa dar um salto de qualidade na mudança de vida, de vida, entendeu? Porque ele não precisa ter apenas mais comida, ele precisa ter mais comida, mas ele precisa ter educação, saúde e ter inclusive consciência de que precisa mudar o hábito alimentar, se não ele não vai ter saúde, ele não vai ter... ou vai vender o alimento..."*

### **Um acúmulo a ser partilhado com outros**

A sistematização da experiência de Escalvado representa um primeiro passo no sentido de difundir as inovações e o espírito que move moradores e técnicos que atuam em Escalvado. As visitas e intercâmbio já realizados têm dupla dimensão: valorizam a experiência local e dão a conhecer produtos e conhecimentos.

Ao ser escolhido para representar o município de Itapipoca, em São Paulo, em um encontro nacional do Programa Comunidade Solidária, um morador de Escalvado sentiu-se muito feliz. Esta viagem trouxe-lhe reconhecimento e realização pessoal. Aqueles que ouviram seu testemunho saíram certamente enriquecidos. Ao examinar o longo caminho percorrido por este morador, observa-se o quanto cresceu: ele e sua esposa freqüentam a escola, além de todos os filhos, apesar das dificuldades materiais enfrentadas. Um longo processo de discussão, de conscientização foi vivido. Superar o medo, provocado pelas situações de violência e injustiça enfrentadas, sair do município, ir para a maior capital do país são provas de crescimento e coragem que caracterizam muitos moradores daquela localidade.

Estima-se que a reflexão sobre a experiência de Escalvado pode dar importantes contribuições no sentido de elaborar metodologias e conteúdos de ensino pertinentes para serem implementados em contextos culturais das zonas rurais cearenses e mesmo em comunidades urbanas.

### **5. Perspectivas e propostas**

As propostas aqui apresentadas poderiam ser resumidas na seguinte frase: ***trabalhar em prol do desenvolvimento local sustentável.***

#### **A re-fundação da comunidade: uma utopia, um ideal, um objetivo?**

Reconstruir laços e cultivar uma nova consciência, no sentido de superar as cisões atuais entre os grupos existentes constitui uma das principais tarefas, pois dela depende a resolução de vários problemas e a construção de uma perspectiva de autogestão comunitária. Para tanto, torna-se imprescindível repensar o papel de cada indivíduo, de cada grupo na construção de uma estratégia maior de desenvolvimento local sustentável. Nesta estratégia, todo morador de Escalvado deve estar incluído e se sentir responsável. A união de todos, a força do coletivo foram elementos essenciais da vitória inicial. Melhoria futura nas condições de vida, superando o estágio de simples sobrevivência, para assegurar vida digna para todos, depende mais uma vez da força do coletivo, respeitando as individualidades e particularidades existentes.

## Gênero e gerações

Acreditar na força dos jovens, reforçar o trabalho sobre equidade de gênero e sobre as relações entre diferentes gerações são também elementos essenciais na construção da estratégia de desenvolvimento local. A experiência acumulada do CETRA está sendo mobilizada e posta a serviço da reflexão sobre novas formas de trabalhar gênero, cidadania e desenvolvimento. O depoimento da atual Diretora Presidente incita os técnicos e militantes a encontrar novas formas de trabalhar estas questões.

*"... Na questão de gênero e cidadania, o CETRA já tem uma equipe que tem um acúmulo maior, uma experiência bastante sólida nesse campo. O desafio nosso hoje é trabalhar essa relação de gênero, sem você ter que trabalhar na direção de separar as mulheres, desenvolver um trabalho específico com as mulheres, deixando, bem popularmente, os homens do outro lado. Então, como é que você desenvolve um trabalho nessa relação de gênero mesmo, homens e mulheres numa perspectiva?"*

Em relação aos jovens, apesar da migração para Fortaleza e Itapipoca, seus vínculos com a comunidade ainda permanecem fortes. Os moradores demonstram interesse em mantê-los integrados à comunidade, como testemunha atual Diretora Presidente do CETRA:

*"Existe uma preocupação entre eles [moradores] de acompanhar, de integrar essas pessoas que estão trabalhando fora, no processo de organização. Então, tem determinados momentos em que a reunião acontece naquele dia, porque é naquele dia que o pessoal que trabalha em Fortaleza está aqui. Existe uma preocupação de não desintegrá-los, de não deixá-los fora, eles são nossos, é aquela coisa da solidariedade, também do sentimento familiar..."*

A participação em cursos e intercâmbios representa momento singular de crescimento para os jovens que ainda vivem na comunidade. O conteúdo da reflexão de um jovem da comunidade atesta esse crescimento. A questão da participação estava em debate. Alguns moradores demonstravam preocupação com o "desinteresse das pessoas", com o enfraquecimento da mobilização e este jovem (20 anos) posicionou-se da seguinte forma:

*"Aqui dentro tem dois problemas. Nós temos dois problemas principais: um é interno e o outro é externo. Um é dentro do assentamento, que é a questão da nossa organização é resolver o problema da divisão interna das terras; o outro [problema] dos limites externos... o outro é externo, que é com os limites, a demarcação e os problemas com os confinantes. Se a gente não resolver o problema interno, a gente nunca vai conseguir resolver o externo".*

Este jovem se posicionou de forma lúcida "*a gente tem que começar pelo interno*". Este nível de reflexão demonstra maturidade. Sua reflexão procede. O que ele disse está claro e mostra que existe uma riqueza de experiência a ser valorizada.

Os ingredientes para a construção de novas relações de trabalho que reforcem a autonomia, ampliem os horizontes e gerem melhores condições de vida para a população estão postos; falta integrá-los de forma criativa.

Aproveitar melhor a terra disponível: alternativa imediata que não exclui a luta pela resolução do problema da terra pelo INCRA

Escalvado é de fato um paraíso. As atividades de reflorestamento e as novas formas de convívio com o meio-ambiente deixam antever boas perspectivas para a localidade. Os esforços realizados ainda não foram suficientes para que o conjunto dos agricultores(as) aproveitem o melhor possível as terras existentes sem degradá-las.

Além do mais, a alta densidade de pequenos produtores e a crescente pressão demográfica são fatores a considerar. Desenvolver ações visando um convívio mais harmonioso com o meio ambiente e um melhor aproveitamento das terras não parece suficiente. Acomodar-se com a situação fundiária atual representa um risco de torná-la mais complexa e grave. Assim, o grande desafio de resolver o "problema das terras" deve ser enfrentado com vigor, como o foi no início da luta.

No contexto do atual governo a reflexão em torno desta questão parece urgente!

Refazer a noção e a prática da reforma agrária a partir das lições tiradas das experiências anteriores: Escalvado um exemplo a ser estudado

Para além da reflexão sobre uma experiência particular de reforma agrária, pretende-se, através deste relatório, fornecer elementos para repensar a política de modo mais geral, em seus conteúdos e métodos, para que possa ser empreendida a partir de uma noção de tempo mais ampla, de respeito às características culturais, sociais, econômicas e ambientais de cada lugar. Toda ação por menor e mais simples que pareça tem conseqüências a curto, médio e longo prazo. Há que se atentar para estes aspectos e características para evitar que os problemas se tornem mais complexos e difíceis de resolver.

A história de Escalvado representa um pequeno exemplo da problemática agrária e das tentativas de solucionar o problema dos Sem-Terra no Nordeste. Um exemplo que mostra que existem possibilidades de desenvolvimento local com melhorias significativas nas condições de vida e na relação com o meio ambiente. Mas através desta sistematização pode-se observar que, apesar do grande esforço e dos investimentos, ainda resta muito a ser feito para uma mudança

maior que envolva o conjunto dos moradores da área.

Considerando a realidade Cearense e Nordestina, observa-se que, a despeito dos investimentos de ONGs, de organismos internacionais de cooperação, de governos estaduais e, em alguns casos municipais, o Nordeste continua necessitando de investimentos substanciais do Governo Federal. Como bem explica Celso Furtado, em Estados mais ricos como Rio de Janeiro e São Paulo, a ação do governo Federal é complementar enquanto que *“nas regiões subdesenvolvidas como a Amazônia e o Nordeste, a ação do governo é fundamental, porque esses problemas são estruturais. E tratando-se de problemas estruturais, só ação política resolve”*. A chegada de Luis Inácio Lula da Silva à presidência da República, a re-fundação da SUDENE suscitou esperanças com relação à implementação de políticas estruturais que incidam sobre as desigualdades sociais.

Com relação à questão agrária, o professor José Graziano da Silva destaca:

*“No Brasil, pela dimensão que assume a questão fundiária, nada pode substituir o instrumento de desapropriação por interesse social como forma de arrecadação de terras improdutivas, para se fazer a reforma agrária. E pagar em Títulos da Dívida Agrária, como manda a nossa Constituição, porque, se for para pagar em dinheiro, não é reforma agrária, é maracutaia na certa.”*

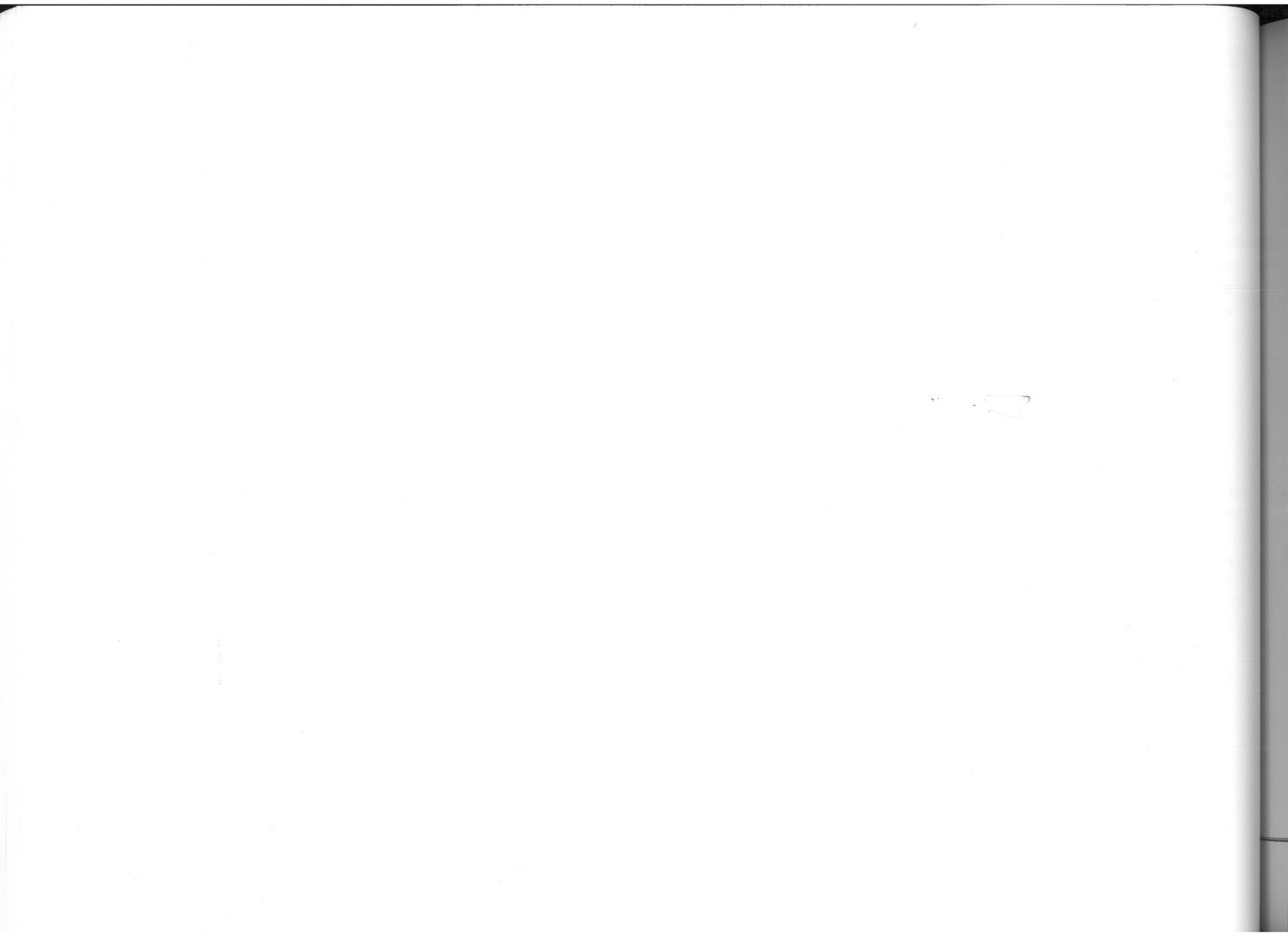
Os Sem-Terra reivindicam o atendimento de 120 mil famílias, muitas delas acampadas há vários anos. Luiz Dulci, secretário-geral da Presidência, “admitiu que o governo de fato não tem dinheiro para cumprir a promessa de assentar 60 mil famílias até o fim do ano” e que os recursos dariam para assentar apenas 10 mil famílias. Em sua visita à Fortaleza para relançar a SUDENE, o Presidente Lula *“não escondeu sua preocupação com as dificuldades para acelerar o processo de assentamento de agricultores sem-terra”*. Enquanto estas polêmicas persistem, a situação das áreas de assentamento permanece inalterada. Em muitos assentamentos, a questão fundiária ainda não foi completamente resolvida. Os agricultores(as) diretamente interessados devem assumir posição pro-ativa na resolução desta questão.

Escalvado pode vir a ser um assentamento modelo? Uma área onde sustentabilidade e harmonia entre o homem e a natureza, com sua fauna e flora, possam servir de exemplo a outras comunidades?

TAVARES Maria da Conceição, CORREIA DE ANDRADE Manuel e RODRIGUES PEREIRA Raimundo. *Seca e poder – entrevista com Celso Furtado, São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 52.*

Professor titular de economia agrícola da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).

C. f. <http://www.estado.estadao.com.br/editorias/2003/07/29/pol035.html>.



Memórias





Grupo de jovens assentados



Distribuição de mudas para reflorestamento/2002



Exposição Agropecuária do Ceará no Parque de Exposição da Secretaria da Agricultura



Exposição Agropecuária do Ceará no Parque de exposição da Secretaria da Agricultura



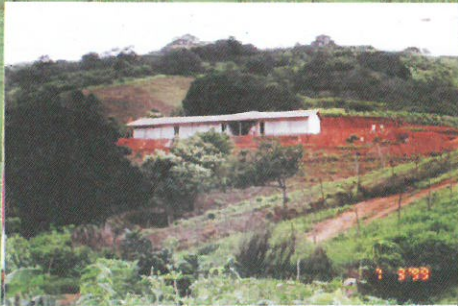
Reunião do grupo de mulheres



Grupo de jovens assentados



Diálogo sobre agroecologia e sobre o Projeto na Escola Municipal local/1999



Escola Municipal do Assentamento Escalvado- construída em 98/99



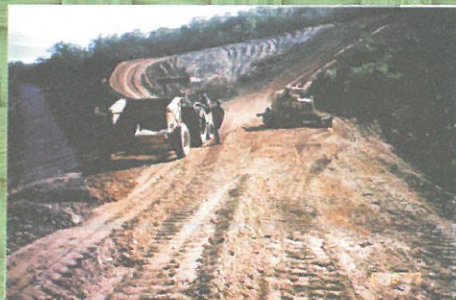
Pesca artesanal no açude 2003



Seu Genésio em seu viveiro de mudas



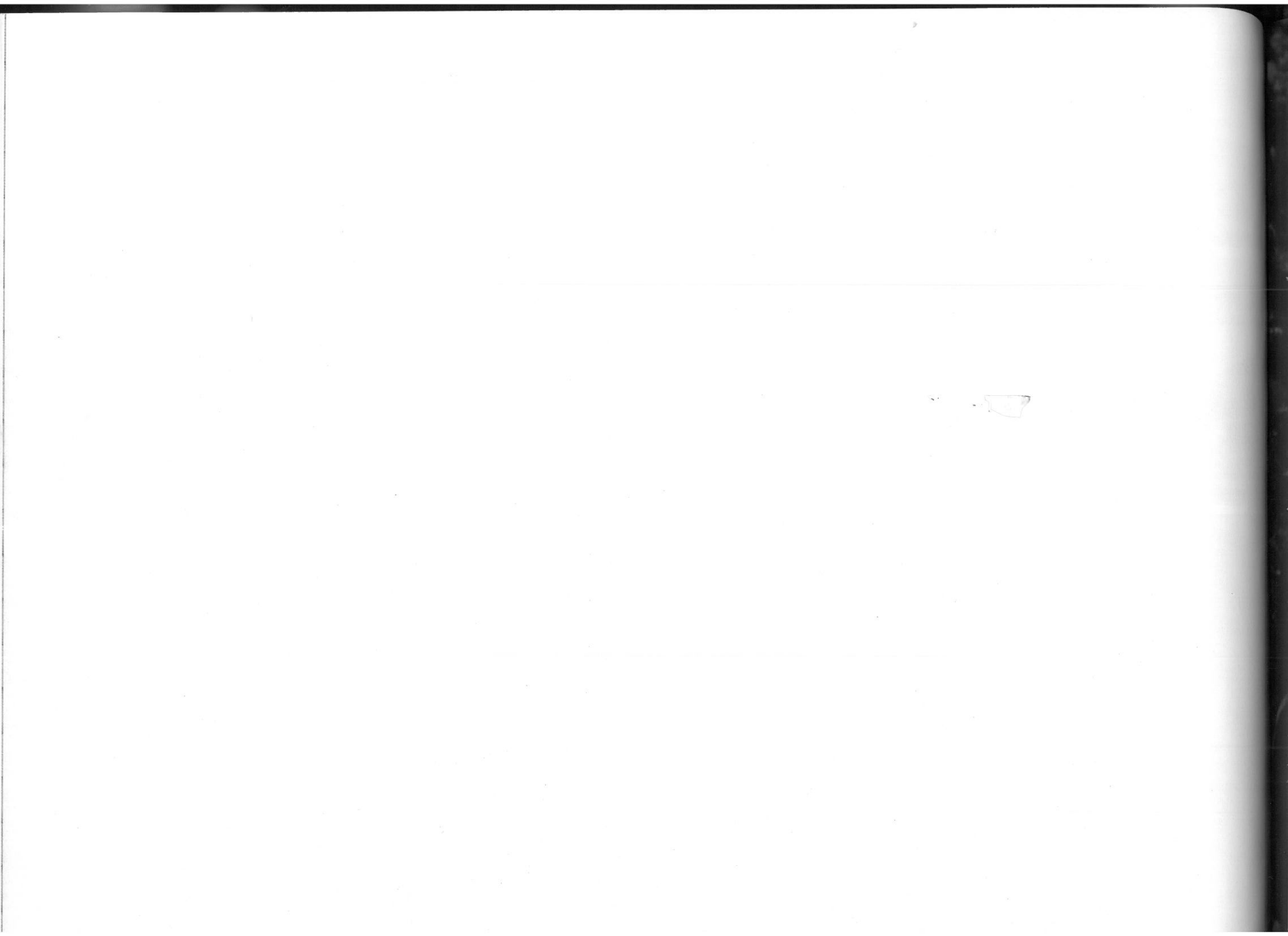
Vista Panorâmica do Escalvado

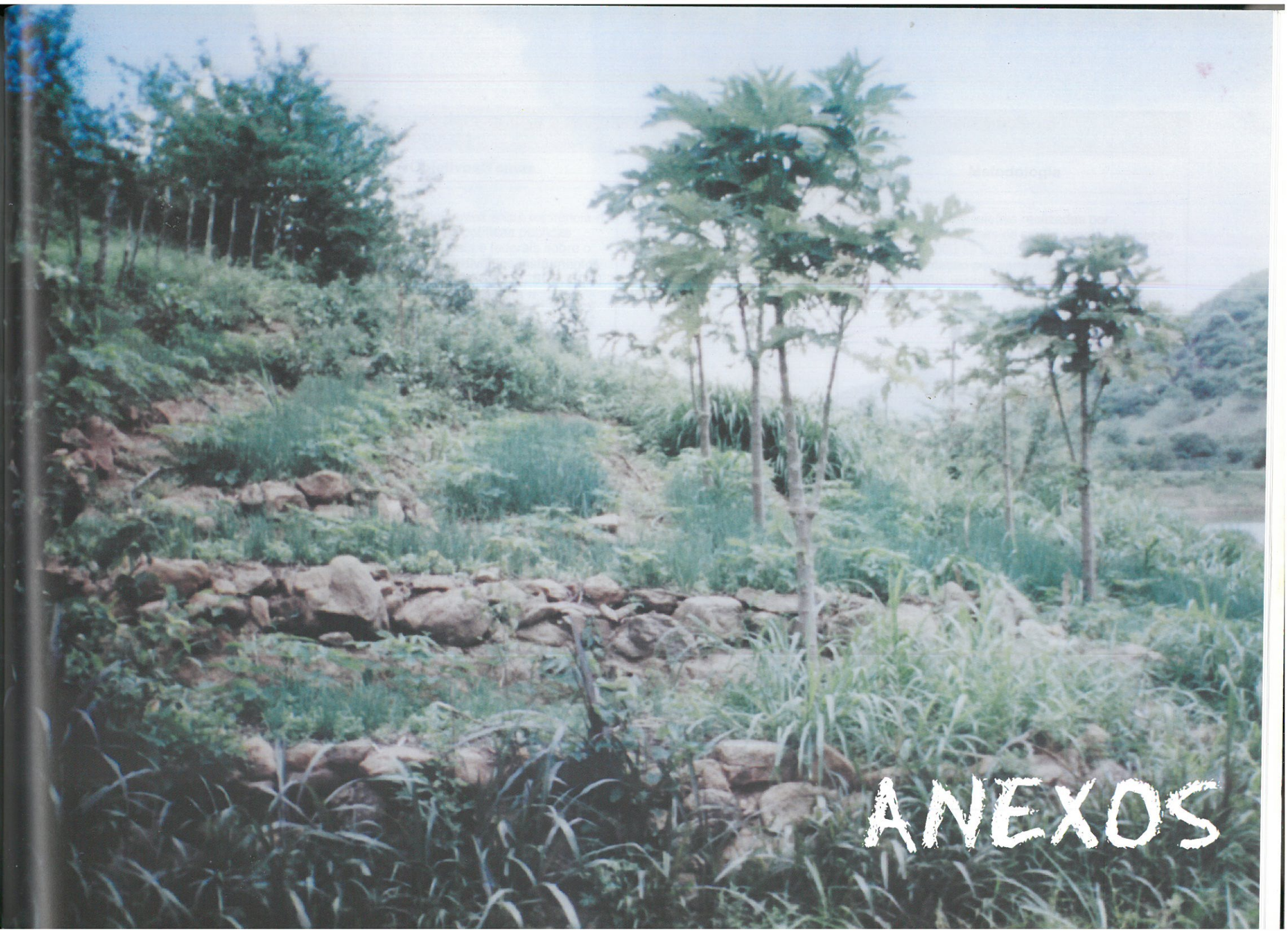


Construção do açude 1995

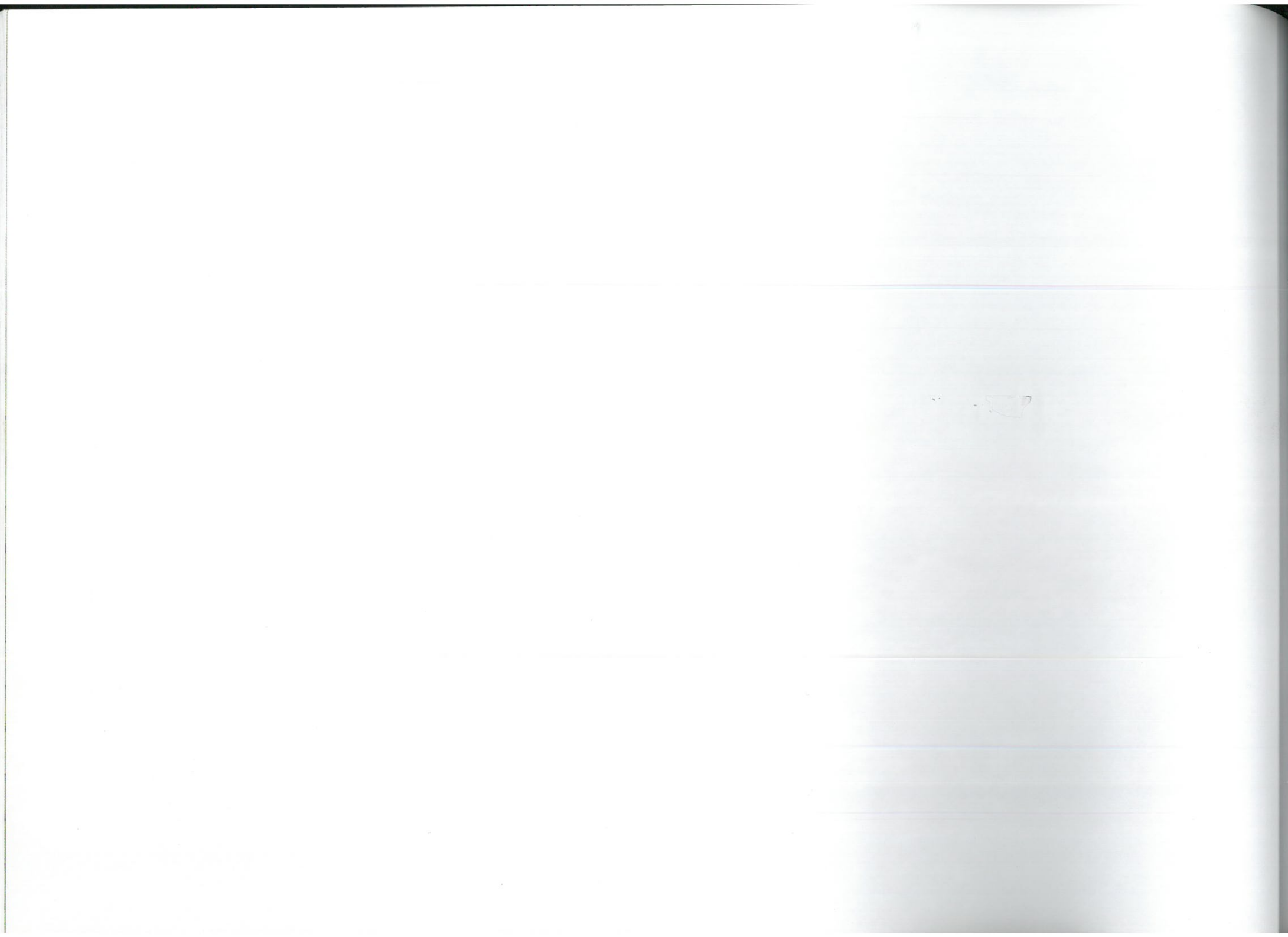


Oficina de atualização do diagnóstico do assentamento/1999





ANEXOS



**Tabela 1. Capacitação para uma gestão democrática e participativa em uma perspectiva de gênero e meio ambiente  
CETRA/BD Ano 2000 - MODULO I**

Gênero e cidadania	Linha de ação	Objetivos/Temas	Número de Participantes	Metodologia
01 Seminário Políticas Públicas	Educação para a cidadania	- Informar participantes sobre existência e funcionamento das políticas públicas municipais, estaduais e federais sobre o funcionamento dos diversos instrumentos implementados *( <b>LOAS, LDE, SUS, ECA</b> ) - Capacitar participantes para a elaboração de propostas	30 Pessoas 40 % Mulheres 60 % Homens	Plenárias com exposições realizadas por profissionais das áreas de serviço social, educação e saúde, prefeituras seguidas de trabalho em grupo e de apresentação por parte dos mesmos (dramatização, exposição em cartazes, apresentações orais)
01 Seminário Políticas de Financiamento Agrícola	Educação para a cidadania	- Debater com participantes sobre política agrícola brasileira  - Suscitar discussão sobre políticas para áreas de reforma agrária  - Debater com participantes sobre investimentos, custeio agrícolas e alternativas do *PRONAF para os mesmos	20 pessoas 30 % Mulheres 60 % Homens 10% absenteísmo feminino	Plenária com exposição dialogada seguida de trabalho em grupo para aprofundamento e de apresentação das sínteses dos grupos em plenária final
01 Seminário Orçamento Municipal	Educação para a cidadania	- Informar participantes sobre origem dos recursos municipais: como são calculados, proveniência, modo de distribuição e de realização das despesas	30 pessoas	Plenária com exposição por parte de um advogado convidado, especialista em questão orçamentária, seguida de trabalho em grupo e de debate geral.
01 Reunião Coordenação Regional de Mulheres	Gênero, cidadania e juventude	- Avaliar trabalhos e atividades realizadas (8 de março) e sua repercussão no município  - Planejar atividades de intercâmbio de experiências e de fortalecimento dos grupos	20 representantes dos grupos de base das comunidades de Escalvado, Mocambo de Cima, Patos, Canoas, Várzea do Mundaú, Sabiaguaba e Maceió	Plenária, dinâmicas de grupo para integração e entrosamento das participantes com a utilização de técnicas teatrais e de música (A coordenação Regional é composta por 12 mulheres, mas procura-se convidar outras mulheres com maior participação nos trabalhos comunitários onde vivem)

\***LOAS**-Lei Orgânica da Assistência Social **LDE** - Lei de Diretrizes Educacionais **LOS/SUS** – Lei Orgânica da Saúde/Sistema Único de Saúde **ECA** - Estatuto da Criança e do Adolescente.

\***PRONAF** - Programa Nacional de Agricultura Familiar

**Tabela 2. Capacitação para uma gestão democrática e participativa em uma perspectiva de gênero e meio ambiente**  
**CETRA/BD Ano 2000- MODULO I**

<b>Gênero e cidadania</b>	<b>Linha de ação</b>	<b>Objetivos/Temas</b>	<b>Número de Participantes</b>	<b>Metodologia</b>
01 Encontro Grupos de base	Gênero, Cidadania e Juventude	- Promover a integração e troca de experiências entre os grupos.  - Aprofundar as temáticas escolhidas: política e poder municipal, eleições, violência doméstica e papéis de gênero na família *	40 mulheres das comunidades de Escalvado, Mocambo de Cima, Patos, Canoas, Várzea do Mundaú, Sabiaguaba e Maceió.	Plenária, dinâmicas de grupo para integração e entrosamento das participantes com a utilização de técnicas teatrais e de música.
01 Oficina Grupo Misto	Gênero, Cidadania e Juventude	- Discutir relação de gênero no assentamento, na família, no trabalho produtivo agrícola e no engajamento social de mulheres e jovens.	30 pessoas (homens e mulheres de diferentes idades e estado civil)	Primeiro momento: as 30 pessoas participaram de profunda reflexão sobre as relações de gênero culturalmente construídas, sobre a dominação nas relações de trabalho e sobre a figura feminina.  Segundo momento: o grupo foi dividido em subgrupos com o objetivo de desenvolver um trabalho de construção dos conceitos de gênero, a partir do aprofundamento das reflexões iniciadas coletivamente e dos testemunhos dos participantes.
01 Encontro Casais	Gênero, Cidadania e Juventude	- Resgatar com os participantes as questões e conhecimentos tratados anteriormente sobre as formas de relações, tentando identificar, através de seus relatos, situações que revelem os modelos de relação intrafamiliar.  - Suscitar discussão sobre a questão da violência em relação aos filhos, sobre o papel da mulher na família, as relações de poder.	15 casais	Foram realizadas plenárias e debates em pequenos grupos. Em seguida, como conclusão, foi realizada reflexão coletiva sobre as novas relações sociais na família (a divisão do trabalho no âmbito doméstico, a participação sócio-política das mulheres e da juventude);

\* Este encontro possibilitou excelente discussão sobre a estrutura do cadastro utilizado pelo INCRA, que consta nominalmente apenas uma pessoa por família, geralmente o homem. Os grupos reivindicam modificação no referido cadastro para que passe a ser "um cadastro familiar". Deu-se início também à campanha "Nenhuma trabalhadora rural sem documento"

**Tabela 3. Capacitação para uma gestão democrática e participativa em uma perspectiva de gênero e meio ambiente  
CETRA/BD ANO 2000 - MODULO II**

Gestão de Agronegócios	Linha de ação	Objetivos curto prazo	Número de Participantes	Metodologia
01 Oficina Sensibilização sobre Agroecologia	Gestão da associação e produção	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informar participantes sobre aspectos relacionados ao associativismo e ao cooperativismo</li> <li>- Capacitar participantes para a gestão da produção</li> <li>- Sensibilizar participantes para a análise das vantagens e desvantagens coletivas e individuais relativas aos modos de produção e de gestão</li> </ul>	30 pessoas	<p>Plenária e dinâmicas de grupo</p> <p>Apresentação de experiências dos moradores de Escalvado ou de outras localidades</p> <p>Para suscitar o debate utiliza-se a técnica de lançar questões a serem trabalhadas pelos diversos grupos</p>
01 Curso Controle e dos custos de produção	Gestão da associação e produção	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Capacitar participantes para realizarem levantamento de custos de produção por unidade produtiva</li> <li>- Analisar as áreas disponíveis, os tipos de cultura existentes, mão de obra e insumos diversos disponíveis.</li> </ul>	30 pessoas	<p>Exposições teóricas dialogadas atividades práticas (experimentos)</p> <p>Avaliação de uma unidade produtiva durante o curso</p>
01 Curso Estratégias de comercialização	Gestão da associação e produção	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discutir o que é "mercado" e como funciona</li> <li>- Fornecer instrumentos aos participantes para a análise do funcionamento do mercado na cidade de Itapipoca</li> <li>- Elaborar proposta para instalar uma barraca de produtos orgânicos na feira de Itapipoca</li> </ul>	30 pessoas	<p>O curso teve duração inicial de 40 horas contando com 16 horas suplementares de reciclagem</p> <p>A metodologia baseou-se em aulas teóricas e práticas, culminando com a realização de uma atividade prática de "pesquisa" de mercado na sede do município de Itapipoca</p>
02 Oficinas Gestão Participativa e democrática em uma perspectiva de gênero e meio ambiente	Gestão da associação e produção	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Finalizar proposta de trabalho, discriminando as atividades a serem realizadas em 2001</li> <li>- Avaliar atividades realizadas com os grupos</li> </ul>	30 pessoas	<p>Plenária e dinâmicas de grupo</p> <p>Apresentação e discussão da proposta por técnicos do CETRA, trabalho em grupo por tema ou atividade (funcionamento e gestão do projeto, conteúdo e metodologia dos cursos e oficinas, etc.)</p>

Mulheres da coordenação Regional das comunidades de Escalvado, Mocambo de Cima, Patos, Canos, Várzea do Mundaú, Sabiaguaba e Maceió



**Tabela 4. Capacitação para uma gestão democrática e participativa em uma perspectiva de gênero e meio ambiente**  
**CETRA/BD Ano 2000 - MODULO III**

Produção agroecológica	Linha de ação	Objetivos /Temas	Número de Participantes	Metodologia
02 Cursos Agroecologia	Assistência técnica a empreendimentos agroecológicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discutir aspectos relacionados às leis da natureza e à história da agricultura</li> <li>- Capacitar participantes para a análise e caracterização dos tipos de solo, da água, espécies animais, tipos de plantas, condições climáticas, temperaturas, velocidade dos ventos e proteção do solo e dos ecossistemas</li> <li>- Fomentar discussão sobre o conceito e as características da agricultura ecológica</li> <li>- Analisar com os participantes os diferentes tipos de manejo do solo (vegetação, água e cultura) nas práticas da agricultura tradicional, moderna e ecológica</li> <li>- Propiciar discussão sobre a temática do desenvolvimento sustentável</li> </ul>	30 pessoas	<p>Exposição dialogada, trabalho em grupo, plenárias e debates</p> <p>Apresentação e discussão sobre tipos de agricultura</p> <p>Entrevistas com assentados visando identificar suas práticas de agricultura</p> <p>Discussão da pesquisa ponderando benefícios e condicionantes derivados dos tipos de produção agrícola implementados</p> <p>40 horas de aulas teóricas com dinâmicas participativas e 24 horas de atividades de campo, aulas práticas com a participação de todos</p>
02 Cursos Fruticultura Tropical I e II	Assistência técnica a empreendimentos agroecológicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensibilizar e capacitar os participantes para a produção de frutas orgânicas, reforçando o potencial existente na comunidade</li> <li>- Estimular a diversificação, o aumento da produção e o melhor aproveitamento das frutas, em particular do caju.</li> <li>- Capacitar participantes para a cultura da banana, goiaba, graviola, ata e caju (aspectos econômicos, valor alimentar, clima e solo recomendáveis, técnicas de preparo do solo, plantio, espaçamento, adubação, produção e seleção de mudas, tratamentos culturais, principais doenças e modalidades de tratamento)</li> </ul>	30 pessoas	<p>Plenárias com exposição dialogada realizada por técnico do CETRA</p> <p>Trabalho em grupo seguido de debates em plenária</p> <p>40 horas de aulas teóricas com dinâmicas participativas e 24 horas de atividades de campo, aulas práticas com a participação de todos</p>

Depoimentos atestam a importância da discussão e do aprendizado sobre a diferenciação entre investimento econômico, valor agregado aos produtos, renda e benefício, custos fixos, etc.

**Tabela 5 – Capacitação para uma gestão democrática e participativa em uma perspectiva de gênero e meio ambiente**  
**CETRA/BD ANO 2000/MODULO III**

<b>Produção Agroecológica</b>	<b>Linha de ação</b>	<b>Objetivos /Temas</b>	<b>Número de Participantes</b>	<b>Metodologia</b>
03 Cursos Sistemas Agroflorestais	Assistência técnica a empreendimentos agroecológicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensibilizar e capacitar participantes para o manejo racional dos plantios, visando assegurar o equilíbrio do ecossistema</li> <li>- Discutir com participantes sobre a importância dos sistemas de produção que garantam o equilíbrio do ecossistema: plantas nativas, frutas, criação de animais, pássaros, aves, etc.</li> <li>- Capacitar os participantes para a prática de agroflorestação e para o planejamento de unidades agroflorestais</li> </ul>	30 pessoas	<p>Cada curso teve duração de 40 horas, realizadas em dias alternados da semana e em semanas alternadas para não sobrecarregar os participantes</p> <p>Em cada curso foi destinado um dia para atividades de campo com o objetivo de identificar áreas de possível desenvolvimento de unidades florestais</p> <p>Todos os cursos foram realizados em Escalvado, mas foram abertos à participação de moradores de outros assentamentos. Da mesma forma, moradores de Escalvado tiveram a oportunidade de participar dos cursos realizados em outros assentamentos.</p>
03 Cursos Horticultura	Assistência técnica a empreendimentos agroecológicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Propiciar debates sobre a visão ecológica da horticultura</li> <li>- Discutir com participantes a importância das verduras no mercado e na alimentação humana</li> <li>- Discutir com os participantes sobre a biologia das culturas</li> <li>- Capacitar participantes para o planejamento na produção de hortas</li> <li>- Capacitar participantes nas técnicas de instalação de canteiros para cada espécie de verdura e/ou hortaliça</li> </ul>	30 pessoas	<p>Exposição dialogada, trabalho em grupos, plenárias e debates</p> <p>Experiências práticas de construção de canteiros</p> <p>Exercícios práticos de elaboração de planilhas de custos</p> <p>Cada curso teve duração de 24 horas de trabalho constando de aulas teóricas, com dinâmicas participativas e atividades de campo</p>
02 Oficinas Implantação e Manutenção de Casas de Sementes	Assistência técnica a empreendimentos agroecológicos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensibilizar participantes para a importância das casas de sementes</li> <li>- Capacitar participantes nas técnicas de implantação de casas de sementes: seleção, formas de armazenamento e manutenção</li> </ul>	30 pessoas de Escalvado e 15 da comunidade de Várzea do Mundaú	<p>Exposição dialogada, trabalho em grupos, plenárias e debates</p> <p>Realização de atividades práticas</p> <p>Cada oficina teve duração de 24 horas, distribuídas em 03 dias em semanas alternadas</p>

**Tabela 6. Capacitação para uma gestão democrática e participativa em uma perspectiva de gênero e meio ambiente**  
**CETRA/BD**                      **Ano 2001 - MODULO I**

Cidadania, meio ambiente e gênero	Linha de ação	Objetivos/Temas	Número de Participantes	Metodologia
01 Reunião geral com famílias da comunidade	Gênero, Cidadania e Juventude	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informar e discutir sobre o andamento do projeto</li> <li>- Planejar ações visando a autogestão comunitária e a emancipação do assentamento em relação ao INCRA</li> </ul>	42 representantes das famílias da comunidade	Plenárias gerais com dinâmicas de grupo, trabalho em grupo
02 Reuniões com grupos de jovens	Gênero, Cidadania e Juventude	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Refletir sobre a gestão do assentamento e sensibilizar os jovens para uma participação ativa na vida da comunidade como também para compor a comissão gestora</li> <li>- Analisar o andamento do projeto e atividades restantes para sua conclusão</li> <li>- Elaborar propostas para a execução do Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA) a serem apresentadas na reunião geral da associação</li> </ul>	30 jovens em média por reunião	<p>Plenárias com dinâmicas de relaxamento e de integração dos participantes (utilização de músicas, técnicas teatrais)</p> <p>Reuniões com jovens na faixa etária entre 14 e 22 anos</p>
02 Reuniões com grupos de mulheres	Gênero, Cidadania e Juventude	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Refletir com as participantes dos grupos sobre o processo de organização do trabalho produtivo apoiado pelo Projeto Lumiar</li> <li>- Discutir com as participantes sobre a continuidade dos projetos produtivos (hortas comunitárias)</li> </ul>	30 mulheres em média por reunião	<p>Plenárias com dinâmicas de relaxamento e de integração dos participantes (utilização de músicas, técnicas teatrais)</p> <p>Avaliação em grupo do funcionamento dos projetos produtivos destacando dificuldades e efeitos na vida das famílias</p>

**Tabela 7. Capacitação para uma gestão democrática e participativa em uma perspectiva de gênero e meio ambiente – CETRA/BD  
Ano 2001 - MÓDULOS II e III**

<b>Mod. II - gestão de agronegócios</b>	<b>Linha de ação</b>	<b>Objetivos/Temas</b>	<b>Número de Participantes</b>	<b>Metodologia</b>
01 Oficina Fundo Rotativo	Assistência técnica e gestão de culturas agroecológicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Refletir com participantes sobre a necessidade de:*</li> <li style="padding-left: 20px;">. captar recursos para alimentar o fundo rotativo</li> <li style="padding-left: 20px;">. desenvolver atividades aplicando os conhecimentos adquiridos através da produção orgânica de hortaliças e frutas</li> <li>- Discutir com participantes sobre a possibilidade de criação de um fundo rotativo como alternativa para financiar pequenos projetos (1)</li> </ul>	42 representantes das famílias da comunidade	<p>Plenária com exposição dialogada dos objetivos da oficina</p> <p>Trabalho em grupo para discussão sobre a definição do fundo</p> <p>Apresentação das sínteses realizadas pelos grupos em plenária final</p>
01 Oficina Elaboração Projeto Fundo Rotativo	Assistência técnica e gestão de culturas agroecológicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discutir e estabelecer regras de funcionamento do fundo rotativo e de concessão dos benefícios</li> </ul>	50 pessoas	<p>Plenária seguida de trabalho em grupo para discussão sobre os critérios do fundo</p> <p>Apresentação das sínteses dos grupos em plenária final</p>
<b>Mod. III - gestão do assentamento</b>	<b>Linha de ação</b>	<b>Objetivos/Temas</b>	<b>Número de Participantes</b>	<b>Metodologia</b>
02 Oficinas Gestão do assentamento	Assistência técnica e gestão de culturas agroecológicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensibilizar a diretoria da associação e os grupos informais (mulheres e jovens) para a necessidade da escolha de representantes locais para preparar proposta de gestão do assentamento (formação da comissão gestora)</li> </ul>	40 pessoas em média por reunião	<p>Plenária com exposição dialogada dos objetivos da oficina</p> <p>Reflexão em grupo sobre o papel da comissão gestora no assentamento</p>
01 Oficina PDA - Administração do assentamento	Assistência técnica e gestão de culturas agroecológicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Debater sobre a gestão do assentamento</li> <li>- Definir critérios para a criação de uma comissão gestora</li> </ul>	15 pessoas em média por reunião	Reunião com debates e reflexões sobre o PDA e sobre o papel da comissão gestora
01 Assembléia Geral da Associação	Assistência técnica e gestão de culturas agroecológicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar aos sócios e demais moradores a proposta de gestão elaborada, bem como os critérios de participação e funcionamento da comissão gestora</li> </ul>	50 Pessoas em média	Plenária geral para discussão e aprovação da constituição da comissão gestora
02 Reuniões Comissão Gestora	Assistência técnica e gestão de culturas agroecológicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprofundar reflexão sobre regimento interno</li> <li>- Discutir sobre o PDA</li> </ul>	15 pessoas em média por reunião	Reunião dos membros da comissão gestora com a participação de moradores mais ativos da comunidade
01 Seminário	Assistência técnica e gestão de culturas agroecológicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaborar proposta de monitoramento do PDA</li> <li>- Avaliar trabalho da comissão gestora</li> <li>- Definir indicadores para avaliação do desenvolvimento local em seus aspectos sócio-econômico, cultural, ambiental e de gênero</li> </ul>	16 pessoas	<p>Trabalho em grupo de estudo e discussão sobre o desenvolvimento sustentável e solidário na comunidade</p> <p>Apresentação dos grupos e debate em plenária</p>

**Tabela 8. Capacitação para uma gestão democrática e participativa em uma perspectiva de gênero e meio ambiente – CETRA/BD  
Ano 2001 – MODULOS IV e V**

<b>Modulo IV Produção Agroecológica</b>	<b>Linha de ação</b>	<b>Objetivos/Temas</b>	<b>Número de Participantes</b>	<b>Metodologia</b>
01 Curso Aperfeiçoamento em agroflorestação	Assistência técnica e gestão de culturas agroecológicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Avaliar os efeitos dos cursos realizados na prática dos agricultores</li> <li>- Reforçar noções de agroflorestação estudadas anteriormente</li> <li>- Iniciar novas áreas de agroflorestação</li> <li>- Capacitar participantes para identificar e lidar com culturas agroecológicas, diferenciando-as das culturas tradicionais</li> </ul>	30 pessoas	<p>Aulas expositivas visando reforçar os conteúdos trabalhados</p> <p>Atividades de campo para a realização de experimentos nas áreas de culturas orgânicas já implantadas e analisar áreas cultivadas tradicionalmente</p> <p>Carga horária de 36 horas</p>
01 Curso Aperfeiçoamento em hortaliças orgânicas	Assistência técnica e gestão de culturas agroecológicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estimular a população para o cultivo de hortaliças orgânicas</li> <li>- Sensibilizar a população para a questão da segurança alimentar</li> <li>- Fomentar mudanças nos hábitos alimentares com a introdução de hortaliças no cardápio das famílias</li> </ul>	30 pessoas	<p>Aulas expositivas visando reforçar os conteúdos trabalhados</p> <p>Atividades de campo para a realização de experimentos com culturas orgânicas nos canteiros e hortas implantadas, preparo de adubos orgânicos.</p> <p>Carga horária de 24 horas</p>
01 Curso Compostagem	Assistência técnica e gestão de culturas agroecológicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sensibilizar agricultores para o uso de compostos orgânicos</li> <li>- Capacitar participantes para a produção de diferentes tipos de compostos orgânicos, analisando suas vantagens e os diferentes modos de preparação</li> <li>- Realizar experimentos com materiais diversos na produção de compostos</li> </ul>	20 pessoas	<p>Aulas expositivas visando reforçar os conteúdos trabalhados</p> <p>Atividades de campo para identificar tipos de solo e de tratamento, realização de experimentos na produção de adubos orgânicos com dejetos de animais e exclusivamente com restos vegetais.</p> <p>Carga horária de 20 horas</p>
<b>Modulo v Avaliação do projeto</b>	<b>Linha de ação</b>	<b>Objetivos/Temas</b>	<b>Número de Participantes</b>	<b>Metodologia</b>
01 Encontro	Assistência técnica e gestão de culturas agroecológicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar a realização das metas e dos objetivos do projeto</li> <li>- Avaliar os resultados e impactos do projeto em relação ao desenvolvimento sustentável do assentamento</li> </ul>	60 pessoas	<p>A fim de verificar os resultados e impactos do projeto no desenvolvimento do assentamento, foi aplicado um questionário, cujos resultados foram discutidos em oficinas possibilitando reflexão coletiva.</p>